



DIAS FEBRIS

FRANCIS GRACIOTTO



Contents

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Citações](#)

[1 - Lucy](#)

[2 - O Jogo](#)

[3 - Era Uma Vez em Osasco](#)

[4 - O Último Andar](#)

[5 - Dia do Touro](#)

[6 - Assassinato em Maragogi](#)

[7 - Casulo](#)

[8 - O Diário de Pietro](#)

[Sobre o Autor](#)

*Para Fael, parceiro neste projeto e o cara que eu quero no meu time em um
apocalipse zumbi.*

Agradecimentos

Este livro começou com apenas um conto, Casulo, uma história que na época eu decidi deixar de fora do livro Febre Vermelha e publicar separadamente em um blog e no Wattpad. Com os retornos positivos dos leitores, me empolguei para escrever mais e o segundo conto que escrevi, Dia do Touro, acabou sendo publicado em uma revista literária. A partir daí, passei 2017 escrevendo um conto após o outro, até completar esta coletânea de histórias paralelas à trama de Febre Vermelha. Minha ideia era que cada história fosse avulsa, podendo ser lida antes ou depois de Febre Vermelha, mas que se complementassem dando pontos de vista e experiências diferentes do mesmo evento.

Assim como o primeiro livro, Dias Febris foi criado com meu amigo Rafael Sauce. Apesar de eu ter escrito tudo, Febre Vermelha não existiria sem seu conhecimento técnico como biólogo e suas ideias macabras.

Agradeço a todos os leitores críticos, resenhistas, leitores beta e palpiteiros em geral, que ajudaram estes textos a tomar a forma que tem hoje: Claudia Lemes, Vilton Reis, Ocellio Oliver, Artur Moraes, Douglas Gonçalves, Vanessa Biedermann, Paulo Vinicius, Douglas Pereira, Cristine Tellier, Kika, Lu, Dani, Fatima, Bort, Dan, Tai, Bruninho, Maurão, Maurinho e Letícia Vanillablue. Agradeço também a Marcus Zerma, da Black Plague, pelas ilustrações trevosas e a todos que leram Febre Vermelha e me apoiaram nesse projeto! Já estou trabalhando na continuação do primeiro livro, mas por enquanto espero que curtam os Dias Febris. Posso dizer que curti demais escrevê-los.

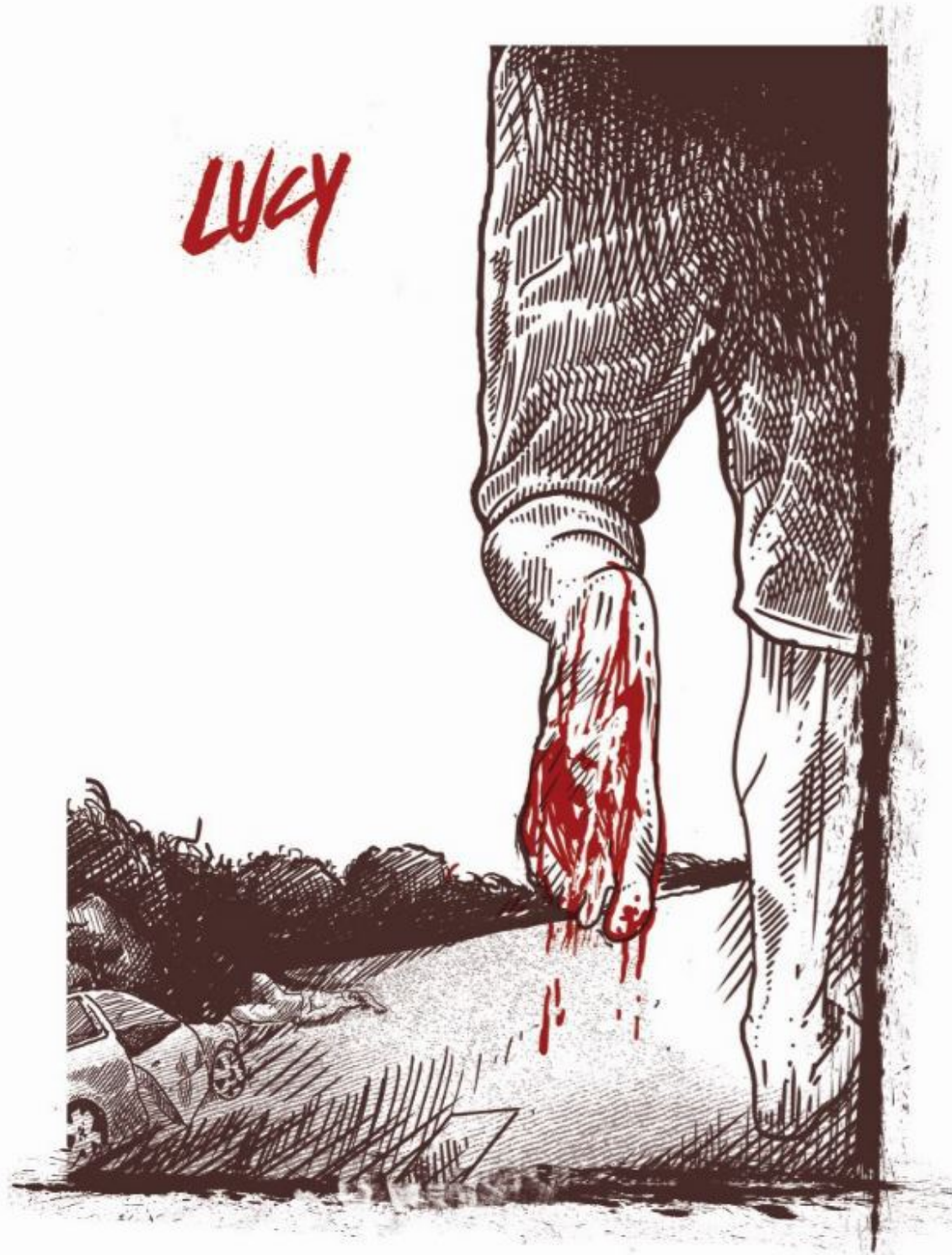
Um grande abraço e boa leitura,
Francis Graciotto

O lugar onde você se estabelecia nunca importava. Desde que estivesse lá... e se mantivesse no controle.

— *Stephen King, A Dança da Morte*

Quando a aflição aperta, quando o corpo se nos desmanda de dor e angústia, então é que se vê o animalzinho que somos.

— *José Saramago, Ensaio sobre a Cegueira*



1

No futebol, a função principal do Ala Direita é defender sua zona do campo, marcando qualquer atacante adversário que tente flanquear a área por aquela lateral. Um bom Ala Direita é aquele que, quando recupera a posse de bola, avança com velocidade e leva o time para o contra-ataque. Agora, para ser um jogador completo, o Ala deve retornar para a defesa ainda mais rápido quando seu time perde a bola e recompor a zaga.

Três funções. Uma infinidade de estratégias e técnicas para executá-las, mas para Alex tudo se resumia a defender, contra-atacar e voltar para a zaga. Com

clareza do que devia fazer, ele tinha absoluto foco em executar seu papel. Era só um jogo amistoso entre as turmas de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, mas ele não estava ali para perder.

Posicionado à direita da grande área, Alex interceptou todas as tentativas adversárias por aquele lado no primeiro tempo. Ajudou o seu time a subir para o ataque algumas vezes, mas terminaram os primeiros 45 minutos em zero a zero. Tinham voltado do intervalo há uns 15 minutos quando Alex interceptou um ataque adversário e ouviu o goleiro do time, seu amigo de longa data Thiago, gritar:

— Vai pra cima, Alex! Tá na hora!

Alex era amigo de Thiago há tempos e sabia o que ele queria dizer. Mesmo entre alunos de educação física, tinha um preparo físico invejável. Seus quase dois metros de altura e corpo musculoso não eram comuns para sua posição, que exigia tantas corridas longas durante o jogo, mas era disso que ele gostava. Quando todos começavam a demonstrar sinais de exaustão, lá pela metade do segundo tempo, ele se sobressaía. Disparou com a bola pelo lado direito do campo, deixando para trás mais da metade do time adversário que estava cansada demais para voltar do ataque. Passando do meio-campo, o ala esquerda adversário chegou para a marcação e Alex cortou ainda mais para a direita, usando o corpo para bloquear o marcador e correndo em direção à linha de fundo. O porte de Alex combinado com sua velocidade sempre lhe dava vantagem nesse tipo de jogada e o Ala Esquerda logo foi deixado para trás. Alex seguiu livre pela lateral direita, aproximando-se da área onde quatro atacantes de seu time estavam marcados por apenas dois zagueiros. Ele fez o cruzamento perfeito, mas ninguém subiu para cabecear.

— Que porra é essa, caralho?! — Alex gritou, abrindo os braços em indignação por perderem a melhor chance de gol que tiveram no jogo.

Os atacantes pararam de correr, ignorando a bola que cruzou o campo e rolava lentamente até a outra lateral. Os zagueiros do time adversário também tinham abandonado suas zonas de marcação, todos olhando para a arquibancada com expressões confusas nos rostos. Alex suspirou e virou-se para olhar também.

A arquibancada de concreto tinha uns seis andares, com uns 50 amigos e familiares dos jogadores que vieram acompanhar a partida. Havia uma confusão entre a torcida, o que não era nada fora do comum, mas algo chamava a atenção. Normalmente as brigas ali não passavam de empurra-empurra e xingamentos, mas uma mulher estava caída no degrau mais baixo da arquibancada, com dois homens a espancando. De um dos andares mais altos, Alex viu uma garotinha dar um salto para as costas de um homem gordo, agarrando com uma mão na sua camisa e a outra em seus cabelos. O homem girou seu corpo, tentando se desprender, mas ela apertou as garras com mais força e puxou seu cabelo para o lado, fazendo-o

inclinou a cabeça e expor o pescoço, onde ela cravou seus dentes. O grito do homem silenciou a arquibancada por um instante, a dor e desespero de sua voz contrastando com a figura enorme que se debatia para tentar se livrar da criança.

Os jogadores em campo estavam sem reação. Enquanto o homem gordo lutava para livrar-se da garotinha, Alex passou o olho pelo restante da arquibancada e viu cenas parecidas, com pelo menos uma dúzia de homens e mulheres com aquelas mesmas feições e comportamentos animais atacando os torcedores, que começavam a fugir da arquibancada e invadir o campo, vindo em sua direção.

O primeiro instinto de Alex foi fugir disso tudo. Já estava de costas, pronto para correr para o vestiário, quando ouviu Thiago gritar do outro lado do campo:

— Lara!

Alex viu seu amigo sair correndo em direção à arquibancada, onde sua namorada Lara tentava se defender de uma mulher agarrada em seus cabelos. A louca vestia um uniforme de faxineira e tinha uma ferida grotesca no braço esquerdo, de onde sangue escorria até a mão que agarrava os cabelos loiros da jovem.

Thiago era seu amigo e Alex não o deixaria enfrentar aquilo sozinho. Mesmo do outro lado do campo, também partiu em direção ao centro do tumulto. Nos andares mais altos da arquibancada, o homem gordo e outro rapaz sangravam desamparados, o líquido vermelho escorrendo em abundância para os degraus mais baixos e até o gramado. Alex contou seis brigas naquela área: torcedores atacadados com aqueles animais e incapazes de fugir.

Alex ainda corria quando viu seu amigo chegar para a briga num salto com uma perna erguida em uma voadora, projetando as travas da sua chuteira contra as costelas da faxineira atacadada com Lara. A maldita caiu sobre o primeiro degrau da arquibancada e rolou, mas não soltou os cabelos da garota, puxando-a sobre si. Alex estava a caminho para ajudá-los, mas viu que um homem corria na direção de Thiago, com os dentes cerrados e os olhos fixos em seu amigo. Foi a primeira vez que Alex reparou os olhos daquelas criaturas, de um vermelho-sangue quase demoníaco. Desviou a rota da sua corrida para interceptar o maldito no meio do caminho, lançando-se ao chão e aplicando um carrinho com os dois pés, suas coxas deslizando sobre o gramado até encontrar as canelas do maldito, que tropeçou e caiu de boca no chão.

O Ala Direita levantou-se rapidamente e foi até o homem, que rosnava de raiva apoiando seus cotovelos no chão para levantar-se. Alex deu um pisão em sua nuca, derrubando-o novamente. Ouviu um estalo quando a cara do infeliz se chocou com o chão e suspendeu seu ataque por um momento. Queria defender-se, não matar aquele filho da puta. O homem não se movia. Alex enfiou a ponta da chuteira embaixo da sua costela e empurrou seu tronco, virando-o de face para cima. Ele

tinha os olhos fechados e sua boca estava aberta em um ângulo impossível, a mandíbula pendurada como se faltasse um parafuso para prendê-la a um lado do rosto.

Olhou para os lados, sem saber o que fazer, e quando olhou de volta para baixo o homem o encarava novamente. Sentiu um pavor irracional ao reparar aquele olhar diabólico sobre si, como duas bolas de sangue escuro. Ainda com o queixo pendurado, o homem estendeu o braço e ergueu o tronco do chão, agarrando a barra da sua camisa. Alex deu um passo para trás, mas o homem demonstrou ainda mais força e apoiou o joelho no chão, pronto para levantar-se.

— Me larga, porra! — Alex gritou, cerrando os punhos e tentando ameaçá-lo.

Sua intimidação não funcionou, o maldito continuava avançando. Alex nunca tinha socado a cara de alguém, muito menos alguém naquele estado. Se acertasse um soco no queixo daquele arrombado, ia arrancar o maxilar dele fora. Com a mão esquerda, segurou seus cabelos e puxou a cabeça para trás, ganhando tempo e preparando o alvo para acertar seu nariz. Quando fez isso, o desgraçado tentou morder sua mão. Morder, com a boca daquele jeito! A mandíbula do homem estalou novamente e todo o seu corpo se amoleceu, como se o tivessem desligado da tomada, e ele caiu desmaiado sobre a grama.

Alguns metros ao lado, Alex viu seu amigo ajoelhado sobre a faxineira, ofegante. A mulher estava imóvel, e um bloco de concreto ensanguentado repousava sobre o pouco que restara da sua cabeça. Lara o chacoalhava pelos ombros e tentava colocá-lo de pé, mas Thiago apenas olhava para o bloco de concreto. Ele tinha acabado de matar uma pessoa.

Alex ajudou Lara a levantar seu amigo. Sangue escorria de uma ferida na bochecha da garota. Não era uma ferida reta e consistente, como um corte de faca, mas uma série de feridas redondas de tamanhos variados. Uma marca de mordida.

— A gente precisa sair daqui — disse Alex. — Por favor me fala que vieram de carro hoje...

Os três moravam em Indaiatuba, a 40 Km da UNICAMP, e Alex geralmente pegava carona com os dois.

— Sim, o Fox tá do lado do campinho — respondeu a garota, apontando para a rua que ficava atrás da arquibancada. Alex olhava para o outro lado do campo, alisando a pele lisa de sua cabeça careca.

— Merda... — resmungava Alex — tá tudo no vestiário. Carteira, celular, mochila...

O campo de futebol tinha se tornado um campo de guerra. Os malditos tinham se espalhado pelo gramado, caçando jogadores e torcedores. Os invasores que restavam ainda estavam em minoria, mas apavoravam os sobreviventes que não conseguiram fugir, cercando-os contra a grade que fechava o outro lado do campo,

onde ficava o vestiário. Mas ninguém seria louco de entrar ali. O lugar só tinha uma entrada e saída, a porta para o campinho onde os malditos estariam esperando.

Atrás do campo, Alex notou algo estranho no céu. Mesmo ali em Campinas, ele nunca tinha visto tantos helicópteros no ar ao mesmo tempo. Eles estavam concentrados ao sul, região da 13 de Maio, o centro da cidade. Sua intuição lhe dizia que o que estava acontecendo na UNICAMP não era um evento isolado. Se ao menos tivesse seu celular... Precisava saber se Lucy estava bem. Com tudo isso acontecendo, tinha que saber se ela estava segura.

Alex virou-se de costas para o campo, olhando para seus amigos e para a arquibancada. Quatro corpos permaneciam ali, abandonados no chão. Imóveis, sem rosnar e com os olhos fechados, era difícil identificar quais deles eram agressores e quais eram vítimas. Fossem quem fossem aquelas pessoas, Alex tinha seus amigos e Lucy para se preocupar, então disse:

— Vamos embora.

2

O Fox cinza escuro ziguezagueava pela Rodovia dos Bandeirantes, trocando de faixas sempre que surgia uma brecha entre os carros à frente. Alex dirigia como um louco, ansioso para chegar em casa. Lucy estava lá sozinha e, se o que aconteceu em Campinas estivesse acontecendo em Indaiatuba também, precisava estar com ela.

Seus amigos estavam no banco de trás do carro, Thiago tentando esterilizar o ferimento na bochecha de Lara com Povidine, respingando o líquido bordô no rosto e na roupa da garota.

— Cara, a gente precisa ir na polícia... fazer um B.O., sei lá — disse Thiago.

— Cê tá louco, Thi? — irritou-se a garota. — Aquela louca ia me matar. Você só tava me defendendo, mas como a gente vai explicar isso pra polícia? A gente precisa ir para casa e entender o que tá acontecendo antes de decidir qualquer coisa.

— Eu matei aquela mulher, Lara...

Todos ficaram sem saber o que dizer. Thiago tinha matado aquela mulher, Alex tinha ferido gravemente aquele outro cara e várias pessoas tinham morrido em um maldito jogo amistoso entre classes. Quanto mais se afastavam do terror da situação que passavam, mais absurda a situação parecia.

— Eu acho que antes de qualquer coisa, — disse Alex, interrompendo o silêncio — Lara precisa de um hospital. O que a gente pegou na farmácia foi um quebra-galho, mas se não costurarem seu rosto isso vai acabar infeccionando.

— Ele tá certo, Lá — concordou Thiago, tirando a gaze do rosto dela e vendo o sangue se misturar com o líquido violeta. — Isso ainda não parou de sangrar...

— Já deve estar infeccionado... acho que tô com um pouco de febre — disse Lara, colocando a mão na testa. — Mas vocês viram como tava o trânsito pro lado de Campinas. É melhor voltarmos pra Indaiatuba e passar em um hospital por lá.

— Eu preciso ir para casa... — avisou Alex. — Vou com vocês até onde for mais perto, mas preciso ver se tá tudo bem por lá.

— Liga para alguém, cara — disse Thiago, fazendo um sinal para Lara, que pegou o celular da bolsa e esticou para o motorista.

— Não sei o número de ninguém de cabeça, meu velho. Que cagada ter deixado a mochila no vestiário!

Os dois concordaram em silêncio, mas não havia o que fazer. Além do celular, Alex tinha deixado suas roupas e tênis por lá. Para não ter que andar por aí de chuteiras com travas de campo, ele dirigia descalço e suas chuteiras ficaram jogadas sob o banco de passageiro.

Lara passou alguns minutos mexendo no celular, enquanto Thiago fazia um curativo grosseiro em seu rosto.

— Pê-que-pê, não é só no campus... — Disse a garota.

— Como assim? — perguntou Thiago.

— Isso tá acontecendo em todo lugar! Tem várias notícias de Santos e São Paulo. Parece algum surto deixando as pessoas psicóticas, violentas... do jeito que a gente viu lá atrás!

O celular da garota começou a reproduzir um vídeo e ela aumentou o som ao volume máximo, para que os dois ouvissem.

...que mantenham a calma e sigam as instruções elaboradas pela CCD, a Coordenadoria de Controle de Doenças. A colaboração da população será fundamental para controlarmos a disseminação e minimizar a taxa de mortalidade deste vírus.

— Ele não é o Secretário da Saúde? — perguntou Thiago

— Deixa eu ouvir, cacete! — disse Alex.

...as instruções oficiais são:

1: evite lugares movimentados ou com grande concentração de pessoas;

2: lave as mãos e braços com frequência e evite contato direto com os doentes ou objetos utilizados por eles;

3: caso um familiar ou conhecido esteja apresentando um dos sintomas — suor excessivo, cansaço, enjoo, vômito, dores musculares, vermelhidão nos olhos, dor de cabeça muito forte, fome insaciável ou mudança súbita de humor/agressividade — encaminhe-o a um hospital imediatamente;

4: caso você esteja com um familiar ou outra pessoa no estágio agressivo da doença, mantenha-se seguro e avise as autoridades pelo telefone 190. Estamos

com um efetivo reforçado de ambulâncias para levar cada pessoa infectada ao hospital mais próximo da sua localização;

5: aguardem novas instruções oficiais pelos nossos meios de comunicação: rádio e televisão.

O anúncio do secretário parecia ter acabado por ali, pois logo em seguida ouviram a voz de um jornalista dizendo:

Pois é. O senhor Secretário da Saúde se esqueceu da instrução número seis, a mais importante:

Não seja mordido!

Ainda não conhecemos todas as formas de contágio dessa doença, mas é consenso entre os funcionários de saúde que a mordida de doente é a forma mais garantida de ser infectado.

O celular caiu das mãos de Lara e interrompeu a reprodução do vídeo. A garota levou as mãos ao rosto, tateando o curativo em sua face direita. Seus dedos ficaram molhados com o suor que escorria de seu rosto e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela enfiava as unhas por baixo do esparadrapo quando Thiago segurou seus pulsos.

— Calma, Lara! Calma! A gente não sabe como isso funciona... você vai ficar bem.

Alex olhou para os dois pelo retrovisor. Seu amigo parecia tão desesperado quanto a garota que ele tentava acalmar. Não sabia o que dizer para melhorar a situação, então fez a única coisa que podia para ajudar: jogou o carro para o acostamento e pisou no acelerador até o fundo. Precisava chegar em Indaiatuba o quanto antes.

Uma plaquinha azul indicava que estavam no quilômetro 90 da Rodovia dos Bandeirantes, quase chegando à entrada da Santos Dumont, o que indicava que estavam na metade do caminho para Indaiatuba. O carro trepidava pelo acostamento e o trânsito estava quase parado na estrada à sua esquerda. Um caminhão quebrado à frente fez com que Alex tivesse que voltar para a estrada, o que levou alguns minutos, pois ninguém queria deixar entrar à sua frente o folgado que estava cortando caminho pelo acostamento. Quando finalmente conseguiu forçar seu carro para a faixa da esquerda, o trânsito parou completamente. Os dois discutiam opções no banco de trás, mas Alex não queria lidar com aquilo. Sua responsabilidade estava em Indaiatuba e a única ajuda que podia dar àqueles dois era levá-los até lá. Ligou o rádio e mudou de estações até encontrar notícias sobre o trânsito.

...um caos! Para quem tenta sair da capital, é simplesmente impossível passar por Barueri. Tem muita gente vindo para o interior, e a Bandeirantes está completamente travada naquele trecho. Já em Campinas a situação também

começa a se complicar. Mostramos agora a pouco depoimentos dos ouvintes sobre ataques de infectados no centro da cidade, e isso claramente afeta o trânsito da região. Quem precisa ir ao Aeroporto de Viracopos, cuidado! Temos um acidente envolvendo um caminhão tombado e vários veículos bloqueando completamente a Rodovia Santos Dumont sentido Indaiatuba.

— Merda... — disse Alex.

...a concessionária Colinas está obviamente sobrecarregada e com muita dificuldade para acessar o acidente, então o trânsito ali deve continuar parado por mais algumas horas.

Alex encostou a testa no volante e suspirou. Não podia ficar sabe-se lá quantas horas parado no trânsito, enquanto Lucy poderia estar em perigo. Solto seu cinto de segurança e virou-se para trás.

— Cara, precisamos vazar daqui.

— Não dá para passar pelo acostamento? — perguntou Thiago, olhando pela janela. — Ir por fora da estrada?

— Cara, não dá para mexer o carro para frente e nem para trás. O acostamento tá lotado de carros e mesmo que a gente conseguisse cruzar por ali, não dá para passar para fora da estrada por aquela vala... e não dá para rodar no meio desse mato da beira da rodovia. Não tem jeito de seguir de carro, meu velho.

Lara abriu a porta do carro e colocou a cabeça para fora. Deitada sobre o banco, começou a vomitar sobre o asfalto. Thiago colocou a mão sobre as costas da sua namorada, olhando para ela preocupado.

— Ela não consegue sair daqui a pé. A febre aumentou. Tá reclamando de dor no corpo e agora vomitando. Vou ligar para o 190 e pedir uma ambulância, sei lá. O cara da rádio falou que estão mandando ambulâncias para ajudar quem está assim.

— Nenhuma ambulância vai chegar aqui, cara, não tá vendo? A gente carrega ela se precisar.

— A ambulância tem que chegar! — gritou Thiago, pegando o celular da Lara e ligando para o 190 — Tá longe pra cacete de qualquer ajuda. Não dá pra ir a pé, porra! Não dá.

Lara ergueu-se, sentando no banco de trás. O som de buzinas e o cheiro de vômito invadiam o carro pela porta aberta.

— Lara, seus olhos... — Thiago resmungou, olhando os olhos assustadoramente vermelhos da garota.

— Minha cabeça dói muito, Thi... — Lara disse — Faz parar...

Alex não tinha dúvidas do que estava acontecendo. Os sintomas que o Secretário da Saúde descrevera eram os mesmos, e em pouco tempo a garota

ficaria louca e tentaria atacá-los. Pegou uma das chuteiras do banco de passageiro e começou a remover o cadarço.

— Thiago, você não vai gostar disso, mas é melhor amarrar ela.

— Como é que é?! — Thiago perguntou.

— Cara, ela tá infectada e daqui a pouco vai querer atacar a gente — explicou, estendendo o braço e oferecendo o cadarço para Thiago. — Amarra as mãos dela para trás do corpo e eu amarro os pés.

— Vá se foder, Alex! Ela tá mal, não é motivo pra amarrar e sair carregando ela que nem um bicho. A gente vai chamar ajuda e esperar aqui, ponto final.

— Cara, se você quer correr esse risco, é problema seu — disse Alex, abrindo sua porta e saindo do carro. — Eu não posso e não tenho tempo.

— Boa sorte com a Lucy, seu filho da puta. Queria ver se fosse ela, se você ia amarrar ela também!

Alex bateu a porta do carro. O asfalto quente queimando as solas dos seus pés. Tinha 21 Km pela frente quando começou a correr.

3

A Rodovia Santos Dumont repousava em um silêncio incomum. O trânsito estava parado há horas e os motoristas tinham desistido de buzinar e xingar uns aos outros, desligando os motores para economizar combustível. Irritados e entediados, muitos viravam as cabeças para trás ao ouvir a respiração rítmica e os passos pesados do rapaz que corria pela beirada do acostamento. O sol de meio-dia refletia em sua pele negra, o suor escorria por sua cabeça lisa até encharcar a barba cuidadosamente aparada. A camisa da Ponte Preta adería ao seu corpo musculoso, os shorts revelavam os quadríceps bem definidos que trabalhavam em passadas largas. Pelas janelas dos carros, os curiosos só percebiam seus pés descalços quando ele já os havia ultrapassado, mantendo o ritmo das batidas contra o asfalto quente.

Para Alex, o segredo do bom desempenho em uma corrida ou qualquer outro esporte era manter o foco. Sua maior preocupação agora era manter a integridade dos pés. Mapeando o caminho a frente, viu um amontoado de pedrinhas à direita, então passou pela esquerda, perto dos carros. Mantinha os olhos atentos para pedregulhos, cacos de vidro e entulhos em geral. Sabia que quando seus pés comesçassem a sangrar, teria que diminuir o ritmo para não aumentar o ferimento e comprometer seu objetivo. Outro ponto fundamental era seu *pace*, a velocidade para chegar em casa o quanto antes e ver se Lucy estava a salvo. Mesmo sem seu relógio *Garmin* ou os *Apps* de corrida no seu celular, sabia por experiência que se mantinha entre cinco e seis minutos por quilômetro, o que era uma boa média naquelas circunstâncias. As panturrilhas doíam, consequência do esforço durante o

jogo de futebol mais cedo, mas ele mantinha o *pace*. Lara e Thiago já estavam mais de cinco quilômetros para trás quando um infeliz abriu a porta do carro e deu com ela no meio do seu joelho esquerdo. Alex deu um salto, girando seu corpo ao redor da porta e absorvendo parte do impacto, uma técnica muito usada por jogadores de futebol. Alex caiu e rolou de lado pelo asfalto, xingando até a quinta geração do desgraçado que o derrubou.

— Desculpa, meu! — gritou o babaca.

Alex massageou o joelho por uns segundos, dobrando e esticando a perna sem sentir nenhuma dor preocupante. Fora o ombro direito ralado no asfalto, estava bem. Não esperou por mais desculpas do infeliz, nem olhou para a cara dele. Apenas levantou-se, deu dois pulinhos e retomou a corrida.

Desde o momento em que saiu do carro de Thiago, Alex sabia muito bem o que teria que fazer para chegar em casa. Não apenas correria 21 Km, o equivalente a meia maratona, mas correria tudo isso depois de ter jogado futebol e lutado contra um bando de insanos. Correria na estrada, em um asfalto irregular e cheio de detritos. Correria sem calçados apropriados, sem calçado nenhum, mas correria. Com ele era sempre assim: depois de convencer a si mesmo que desistir não era uma opção, os obstáculos deixavam de ser impedimentos e tornavam-se meramente parte do desafio. Ao longo de sua vida, essa técnica de automotivação já tinha lhe rendido algumas distensões musculares e um desmaio por desidratação, mas desistências? Nenhuma. E essa não seria a primeira.

Levou menos de uma hora para chegar à metade do caminho, sem grandes dificuldades. Como sempre acontecia durante suas corridas, dores vinham e iam. Suas panturrilhas, que doeram no primeiro trecho da corrida, voltaram ao normal logo no terceiro quilômetro. No sétimo, seus pés começaram a sangrar e uma familiar e aguda dor no baço o fez diminuir o *pace*, tentando recuperar o fôlego por alguns minutos. Lá pelo décimo quilômetro já tinha retomado o fôlego, quando algo mais sério começou a incomodá-lo: sede. Sua respiração soava como a de um cachorro em um dia quente. Alex tinha participado de algumas provas de corrida com Thiago, e, além de beberem água nos postos de hidratação a cada três quilômetros, tinham a tradição de sentar no primeiro boteco que encontrassem após a linha de chegada e tomar uma cervela gelada. Seus pés continuavam a comer estrada enquanto sua mente divagava à imagem de um copo americano sobre uma mesa de boteco, dessas de alumínio. Alguém entornava uma garrafa âmbar sobre o copo, inundando-o com o líquido amarelo e translúcido, fazendo borbulhar uma espuma branca e cremosa. Fora do copo, gotículas de água condensavam sobre o vidro transparente. Quase dava para sentir o frescor ao imaginar-se pegando aquele copo e virando-o em duas ou três goladas. Alex juntou a pouca saliva que tinha em

sua boca e engoliu. *Não vou conseguir mais dez quilômetros*, pensou Alex. *Preciso de um plano.*

Uma placa indicava o pedágio a dois quilômetros. Alex continuava correndo e tentando encontrar a solução para seus problemas, quando ela surgiu bem à sua frente. Uns cem metros adiante, um homem caminhava entre os carros. Sobre a cabeça dele, um grande isopor branco. Alex acelerou o *pace*, aproximando-se do vendedor ambulante o suficiente para ouvir seus berros:

— ... Suflair é 30 reais, água é 20, cerveja 25! O próximo posto é daqui a 30 Km, então é melhor comprar comigo! Suflair é 30 reais...

Alex desacelerou suas passadas até parar de frente ao vendedor, que também parou e baixou o isopor.

— Vai querer o quê, parça?

— Cara, eu preciso de uma água e um chocolate, mas tô sem grana... tem como te pagar depois?

— Ha, ha! — o homem riu, reerguendo o isopor e equilibrando-o sobre a cabeça — Aqui não tem fiado, parça. Tá vendo essa fila de carros daqui até o Brinco da Princesa? Tá cheia de gente com fome, sede e grana. Hoje é meu dia de ganhar dinheiro! Até mais!

Alex pensou em discutir com o homem, tentar convencê-lo a ter piedade, mas viu que seria inútil. Além do mais, ele não era o único vendedor. Mais adiante, vários ambulantes perambulavam entre os carros com seus isopores. Provavelmente todos cobravam pequenas fortunas por uma garrafinha d'água, mas Alex precisava tentar algo. Conversou com uns cinco ambulantes e cada um deles foi grosso ou irônico à sua maneira, mas nenhum estava disposto a ceder uma gota d'água sem ser pago. Alex já cogitava opções mais drásticas, quando uma gritaria e movimentação em um dos carros à frente chamou sua atenção.

Um homem esperneava e gritava de dor, com a cabeça e tronco enfiados para dentro da janela do carro, suas pernas batendo na lataria do lado de fora. Um isopor largado ao lado do veículo indicava que ele era um dos vendedores, provavelmente atacado pelo passageiro enquanto entregava seus produtos. Alex correu para ajudá-lo, mas antes que chegasse perto o suficiente, o homem conseguiu se jogar para trás, trazendo consigo uma garota pendurada em seu pescoço. Alex já tinha visto aquela cena antes. A voracidade com que ela o atacava era inconfundível. Estava infectada.

Olhou rapidamente para os lados, procurando algo que pudesse usar como arma contra a garota, sem encontrar nada. Logo, um homem e uma mulher de meia idade — provavelmente os pais dela — saíram do carro e começaram a puxá-la pelos ombros, tentando imobilizá-la e liberar o vendedor de sua mordida. Quando enfim conseguiram, Alex constatou os olhos vermelhos da maldita, que tinha o

vestido ensopado de sangue. O vendedor agonizava no chão, suas mãos inutilmente tentando estancar a ferida mortal em seu pescoço. Alex não tinha conhecimentos avançados em Anatomia, mas as aulas que tivera na faculdade de Educação Física eram o suficiente para saber que uma dilaceração daquela profundidade e extensão na jugular não tinha conserto. Ele era um homem morto.

Alex tinha que agir rápido. Cedo ou tarde, alguém viria ajudar o pobre coitado e ele teria que dar o fora dali. Correu até o isopor e o abriu. Suspirou aliviado ao encontrar duas garrafas d'água e algumas barras de chocolate. Não era o melhor alimento para uma corrida de longa distância, mas era melhor que nada. Pegou o que pôde e fechou o isopor, pronto para partir quando olhou novamente para o homem estirado no chão. De olhos abertos, ele esticou a mão em sua direção enquanto movia os lábios. Mesmo sem ouvir seus sussurros em meio ao barulho da rodovia, Alex sabia que ele pedia ajuda.

— Não posso fazer nada por você, me desculpe... — Alex resmungou, olhando para os pés do homem caído. Pés estranhamente grandes para um homem de estatura mediana, calçando um par de Nike Shox pretos, com o símbolo e as molas vermelhas.

Se continuasse correndo descalço, Alex sabia que as feridas de seus pés se abririam mais a cada passada. Era impressionante ter conseguido chegar tão longe, mas não duraria mais um quilômetro descalço antes que seus ferimentos o incapacitassem. Sem mais uma palavra, jogou-se sobre os pés do ambulante. Fungava em uma mescla de cansaço e choro contido enquanto roubava o tênis do infeliz, evitando olhar para seu rosto.

— Eu sinto muito...

— Ei! — gritou um homem distante — Ladrão! Sai de cima dele! Ladrão!

Mais e mais pessoas começaram a gritar "Ladrão!", e Alex se apressou. Tirou tênis e meias do infeliz e largou-o ali, sem olhar de novo para sua cara. Pulou sobre o *guard rail* da estrada e correu sobre a grama que levava a uma estradinha paralela à rodovia. Os ambulantes logo desistiram de persegui-lo, então, uns 500 metros à frente, Alex pôde parar, comer seu Suflair, beber um pouco de água e calçar os tênis. Em menos de cinco minutos, voltou a correr.

4

Onde está todo mundo?, pensava Alex.

Após sair da rodovia e entrar na Avenida Visconde de Indaiatuba, Alex se deparava com uma situação bem diferente. Concessionárias, padarias e todas as lojas estavam fechadas na avenida deserta. Sirenes soavam ao longe, o único som que acompanhava suas passadas no asfalto e a respiração ofegante.

Voltou o foco ao seu objetivo. Uma avenida deserta ou uma rodovia abarrotada de carros não passavam de cenários, pouco importavam para ele. Lucy precisava de ajuda e cada segundo que perdia em devaneios podia custar caro demais. Ao virar a esquina entrar na rua de sua casa, viu um bando de infectados no fim do quarteirão, cercando um restaurante fechado. Em uma janela do segundo andar, um homem atirava garrafas contra os invasores, tentando espantá-los, sem sucesso. Alex deu meia-volta e preferiu contornar o quarteirão a chamar a atenção dos infectados. Aquilo o atrasaria um pouco, mas estava muito perto de casa e não podia arriscar atraí-los para lá.

Ele mal podia acreditar que estava a um quarteirão de casa. Se naquela manhã alguém tivesse sugerido que ele voltasse metade do caminho da UNICAMP até sua casa a pé, ele teria mandado o sujeito à merda. Quem dera esta tivesse sido a única coisa inesperada que ele tivera que fazer. Abandonar seu amigo e a namorada dele daquela forma, quando eles precisavam da sua ajuda... certamente era algo que o atormentaria pelo resto da vida, mas não agora. Nada podia distraí-lo até estar com Lucy em segurança. Só precisava virar a esquina para ver o portão da sua casa.

Quando finalmente entrou na rua, seu coração pareceu parar por um segundo. O portão da sua casa estava entreaberto, parecendo estar fora dos trilhos. Então seu coração voltou a bater, mais forte e rápido do que nunca.

— Lucy! — gritou Alex.

Correu seu tiro final em passadas largas e rápidas, usando toda a explosão de suas pernas de jogador de futebol. A possibilidade de que Lucy estava em perigo tornava-se bem real, quase uma certeza em sua mente, e ao chegar em frente à casa, ficou pior. Através da grade do portão, Alex viu mais de uma dúzia de infectados cambaleando pelo seu quintal, a maioria deles socando e arranhando portas e janelas da casa, tentando abri-las.

Ainda havia esperança. Lucy poderia estar escondida dentro da casa, mas Alex não podia enfrentar todos aqueles malditos de uma vez. Em um estalo, Alex sabia o que precisava fazer.

Os infectados estavam concentrados na tentativa de invadir a casa, então, sem que eles o notassem, Alex colocou o portão de volta nos trilhos e soltou a trava que o prendia ao motor automático. Assim podia abrir e fechá-lo com facilidade, deslizando-o para os lados.

— Aqui, seus merdas! — gritou Alex, pronunciando seu R típico de quem é do interior de São Paulo.

Eles notaram sua presença. Como um bando de cães que de repente encontram um suculento bife no chão, eles abandonaram tudo o que estavam fazendo e imediatamente começaram a correr em direção à comida. Alex empurrou o portão até que estivesse totalmente aberto, deu meia-volta e correu para a rua.

Seu plano estava funcionando. Os malditos o seguiram para fora, perseguindo-o pela rua. Tudo o que tinha a fazer era virar quatro vezes à direita e teria dado a volta no quarteirão, dispersando o bando que tentou invadir sua casa. Parecia um bom plano, e Alex já estava na metade do caminho quando sua panturrilha travou, todo o músculo da parte de trás de sua canela repuxando-se em espasmos incontroláveis e forçando-o a parar e apoiar-se no carro estacionado mais próximo. Imediatamente arrependeu-se do movimento. Pela janela aberta do carro, uma mão agarrou seu antebraço e puxou-o para dentro, uma boca escancarada e ensanguentada tentando mordê-lo. Alex puxou seu braço de volta, mas não conseguiu se soltar. Uma mulher de vinte e poucos anos estava presa no carro pelo cinto de segurança, ensandecida pela Febre Vermelha e incapaz de sair dali, mas forte o suficiente para agarrar o braço e agora também a camisa de Alex e não o deixar escapar. Mantendo a distância da boca que pingava uma mistura de sangue e saliva infecciosos, Alex olhou por cima do ombro e viu os outros malditos se aproximando. Ele conseguiu soltar o braço, mas a maldita não soltava sua camisa! Como podia uma garota daquele porte segurar alguém tão forte? Como uma tartaruga, Alex enfiou a cabeça e os braços para dentro da camisa da Ponte Preta encharcada de suor, que ficou nas mãos da garota do carro. Agora os malditos estavam perto demais para que ele fugisse. Sem camisa, Alex saiu mancando até a calçada e encontrou um pedaço de pau para se defender. Já não importava mais quem precisaria machucar, iria fazer o que fosse preciso para chegar em casa.

O infectado mais próximo era um homem magro e baixo, que corria quase como uma pessoa saudável — exceto por um talho enorme no lado direito da sua face, que deixara seus dentes a mostra e sua bochecha pendurada no maxilar, balançando a cada passo e batendo contra o seu pescoço como um enorme *piercing* de pele e carne. Ele vinha correndo em direção a Alex, os braços erguidos para agarrá-lo pelos ombros, mas isso nunca aconteceu. Alex balançou o pedaço de pau como uma bela tacada de beisebol, arrancando quase todos os dentes da boca do infeliz e derrubando-o sobre a calçada. O segundo infectado já estava prestes a agarrá-lo, quando Alex girou seu corpo suado, escorregando sob as garras do maldito, que também se esborrachou na calçada. Antes que ele pudesse se levantar, Alex ergueu seu pedaço de pau e desceu-o com toda a força em seu calcanhar esquerdo, forte o suficiente para romper seu tendão. O terceiro infectado ainda estava um pouco longe, dando tempo o suficiente para que Alex voltasse a trotar, mancando em direção à sua casa.

Mesmo com as cãibras fazendo sua panturrilha travar e se retorcer, Alex era mais rápido que os infectados que ainda o seguiam. Os dois que tivera que enfrentar estavam em boa condição física, por isso o alcançaram primeiro. Os outros tinham feridas que prejudicavam sua velocidade, ou então eram pessoas

sedentárias que não conseguiriam correr um quarteirão nem mesmo antes de serem infectados. A diferença é que agora estavam infectados e a febre os levava além de seus limites para correr atrás de sua presa, fazendo-os estirar músculos, tropeçar, cair, enfim, machucar-se de formas que se tornavam ainda mais lentos. Além disso, alguns deles pareciam não ter completo controle da coordenação motora, provavelmente algum efeito no cérebro associado à mesma desgraça que os estava fazendo se comportarem daquela forma. Por qualquer motivo que fosse, Alex tomou vantagem disso e chegou em sua casa com distância o suficiente de seus perseguidores para fechar e travar o portão antes que eles o alcançassem. Assim que alcançaram, os malditos colocaram seus braços entre a grade, puxando e empurrando ensandecidos, mas seria muito difícil tirar o portão do lugar, agora que Alex o tinha fixado. Finalmente estava a salvo. Precisava encontrar Lucy.

Mancou pelo gramado do seu quintal, observando os restos mortais do que parecia ser pelo menos umas três pessoas. Braços e pernas amputadas estavam espalhadas sobre o gramado, quase toda a carne removida dos ossos a dentadas pelos infectados. Alex não tinha tempo de procurar os corpos, que provavelmente também estariam por ali em algum canto. Chegou à porta da casa e girou a maçaneta. Trancada. *Merda! A chave ficou na mochila*, lembrou-se.

— Lucy! — gritou.

Enquanto esperava alguma resposta, ouviu um rosnado atrás de si. Antes que pudesse virar-se completamente, um homem gordo já estava com as mãos em seus ombros, jogando seu peso sobre ele e derrubando-o sentado contra a porta.

— Me larga! Lucy! — gritava Alex, com o antebraço enfiado embaixo do maxilar do desgraçado, evitando que ele o mordesse.

Os olhos do homem estavam arregalados, mostrando toda a esclerótica vermelha-demoníaca do seu globo ocular. Filetes de sangue escorriam do canto de cada um de seus glóbulos, juntando-se com todo o líquido escarlate que lambuzava sua boca escancarada e seu queixo. *Todo esse sangue... ele já matou alguém. Por favor, que não tenha sido a Lucy...*

Um rosnado grave e feroz demais para um ser humano veio de trás do homem, e Alex sorriu. Aquele desgraçado era pesado demais, mas Alex usou todas as forças que restavam em seus braços para empurrar o homem um pouco acima de seu corpo, e segundos depois um vulto cinza e enorme projetou-se contra o maldito, tirando-o de cima de Alex e rolando com ele sobre a grama.

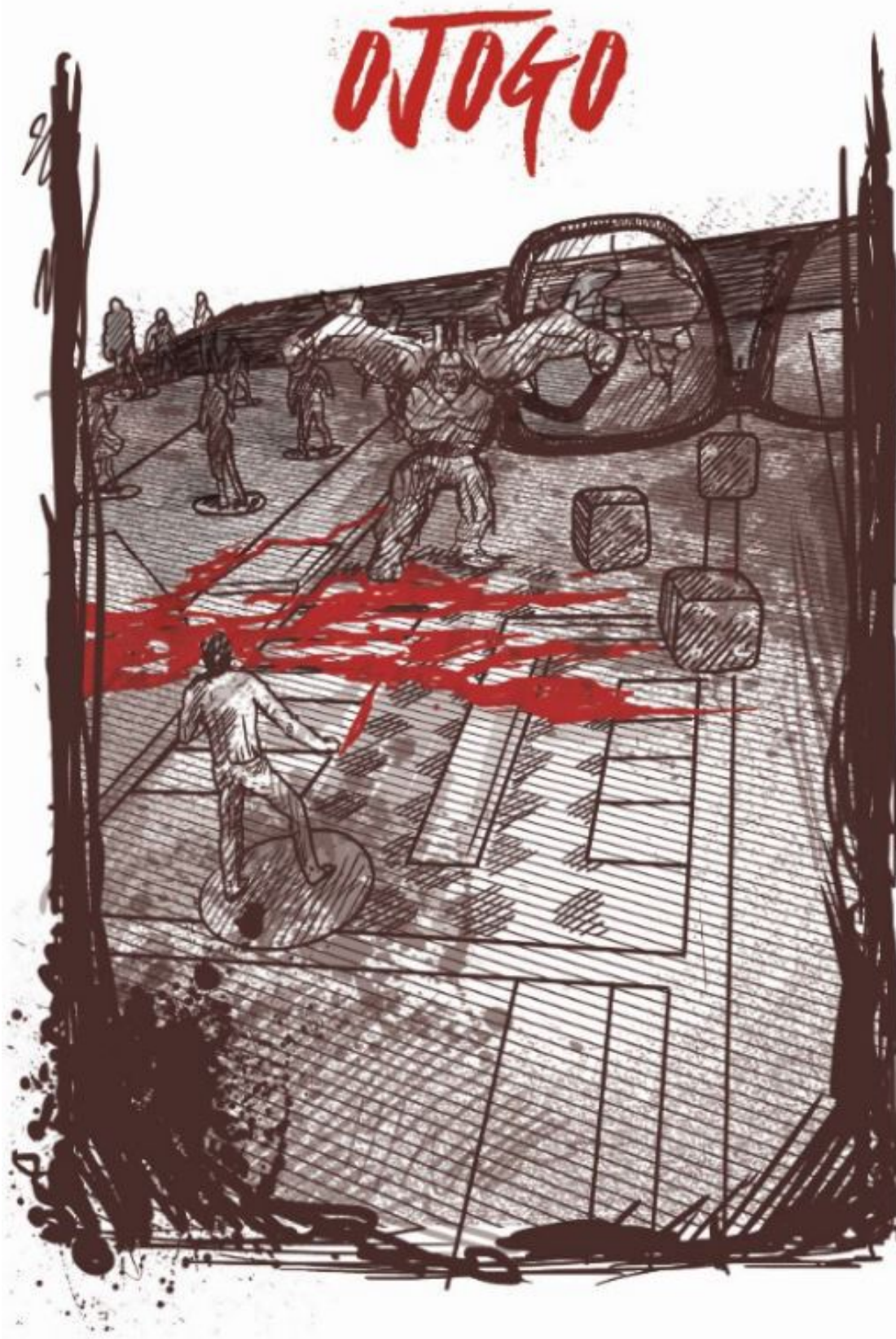
— Lucy! — Alex sorria, feliz por ver que ela estava bem.

Lucy cravou seus dentes no pescoço do infectado e puxou, rasgando a jugular do infeliz. O sangue encharcava o gramado, enquanto pouco a pouco o homem perdia a consciência e aproximava-se de seu fim. A enorme Pitbull cinza olhou para Alex com seus olhos cor de mel. Apesar de todo o sangue, agora ela tinha a

expressão dócil de sempre que olhava para Alex. Estava prestes a abraçar sua companheira quando se lembrou de todo aquele sangue infectado.

— Precisamos limpar isso, Lucy. Vem tomar banho!

A cachorra estava familiarizada com o comando "Vem tomar banho" e foi correndo até a mangueira que ficava no fundo da casa. Alex foi certificar-se de que o portão estava firmemente fechado e constatou que os infectados tinham saído da sua rua, provavelmente atraídos por outras presas mais fáceis nas redondezas. Alex não se importava com isso agora. Tinha tudo o que precisava ali na sua casa e não pretendia ir a lugar algum.



Uma infestação de vermes devora os restos fétidos de uma senhorinha no corredor 6. À essa altura, você não devia estranhar o cheiro, aparência e até mesmo sons dos diferentes estágios de decomposição da carne humana, mas a ânsia de vômito ainda é inevitável. Por sorte, você não tem nada no estômago para pôr para fora.

Não há água, comida ou qualquer coisa útil neste ou nos outros cinco corredores que você já inspecionou. Todos sabem que os mercados foram os primeiros lugares a serem saqueados quando o mundo foi para o caralho, mas seu grupo de sobreviventes está desesperado por suprimentos e não há muitas alternativas. Essa é a última busca antes de darem o fora desta cidade.

Você entra no corredor 7 e encontra comida... de cachorro! A sessão de *pets* está praticamente intocada. Sua mente divaga para seu antigo *Beagle* e como ele era louco por ração úmida, daquelas de latinha. Sua boca está salivando e você percebe que aquela pasta de carne duvidosa já não lhe parece tão repugnante, então pega uma embalagem da prateleira. A lata amarela em suas mãos é fria, mesmo com um calor insuportável e o ar condicionado desligado há meses. Você puxa o anel metálico e a tampa de alumínio se curva, rasgando a borda circular e liberando o aroma de carne de segunda. Você torce o nariz, como costumava fazer quando alimentava seu cachorro e sentia aquele cheiro, mas sua boca saliva ainda mais. “Carne de segunda é melhor que carne nenhuma”, você conclui, enfiando os dedos indicador e médio na pasta fria e sebosa e provando a iguaria canina. Então, um rosnado baixo e grave chama a sua atenção.

Alguém te encara no fim do corredor. Sua feição animalesca, dentes expostos e falta de diálogo é tudo o que você precisa para identificá-lo pelo que é: um infectado. Os malditos se proliferam tão rápido que você já não sabe se existe alguém são além de você e seu grupo. Mas em breve haverá um maldito a menos para se preocupar. Apesar da escopeta que traz pendurada nas costas, você pega o bastão preso em seu cinto e caminha em direção a ele com um plano simples e direto: arrebentar sua cabeça de melão. Ele rosna mais alto, agora cerrando os punhos e flexionando os joelhos, pronto para defender seu território, quando um estouro te surpreende e explode a cabeça do infectado.

— Precisamos de limpeza no corredor 7! — Miguel diz com um sorriso nos lábios, o cano de sua Magnum .44 ainda erguido e fumegante.

— Porra, Miguel! Todo mundo num raio de dois quilômetros ouviu essa bosta! — você reclama.

— Cê tava demorando. Consegui o que precisamos, bora vazar daqui — ele diz, e você repara o carrinho de supermercado atrás dele, carregado com uma variedade de bolachas e outras tranqueiras. — Aff, — ele torce o nariz, olhando para o canto da sua boca, — cê tava comendo comida de cachorro?

Você tenta se limpar com as costas da mão, pensando em como mudar de assunto, mas de repente isso não é mais necessário. Um rugido monstruoso ecoa

por todo o mercado, fazendo seu corpo vibrar de dentro para fora e suas pernas fraquejarem. Vocês trocam um olhar rápido e sussurram juntos:

— Abominação.

Miguel começa a empurrar o carrinho, tentando não fazer barulho, mas um grande estrondo no outro lado da loja, como se uma gôndola inteira tivesse ido ao chão, os põe em desespero e ambos começam a correr para a saída.

Vocês passam por um caixa e estão em um amplo corredor com lojinhas e restaurantes há muito tempo saqueados e destruídos. Trinta metros os separam da rampa que leva ao estacionamento, onde deixaram o Tunadão — não, não foi você quem escolheu o nome, mas você prometeria nunca mais tirar sarro do carro do Miguel se ele os tirasse dali agora. Alguns metros ao lado da rampa, você a vê. A Abominação. Você ouviu lendas sobre ela, mas nunca a viu de perto. Uma criatura tão grande e monstruosa que é difícil conceber que um dia foi humana. Seu corpo mutante atinge mais de dois metros de altura e largura, fora os espinhos que se projetam como lâminas de várias partes de seu corpo. Ela corre ao seu encontro como um touro enfurecido, destruindo tudo em seu caminho.

Miguel saca sua arma enquanto corre e dispara dois tiros, impressionantemente acertando ambos no alvo. Como esperado, isso não surte qualquer efeito.

— Essas armas são inúteis contra ela! — Você diz. — Corre!

Mas você sabe que não adianta só correr. A Abominação os interceptará antes de chegarem à rampa. É hora de tomar uma decisão.

— Aqui, sua filha da puta! — você grita, pegando a escopeta e atirando em sua perna. O dano que o tiro causa é mínimo, mas chama atenção dela. Você desvia sua rota para o interior do mercado e dispara sua arma novamente. A Abominação te persegue mercado adentro, exatamente como você queria. O caminho está livre para Miguel fugir, levando os suprimentos para o resto do grupo.

TOC! TOC! TOC!

— Miguel, preciso de uma ajuda, filho — a mãe de Miguel fala do outro lado da porta. Sua voz está péssima, mas ainda assim você odeia que tenham interrompido o jogo bem naquela hora.

— Pera aí, mãe! — Miguel diz. — Tô acabando aqui e já vou.

Silêncio. Isso quer dizer que ela concorda ou que está brava com o filho? A resposta vem do outro lado da porta alguns segundos depois:

— Tá. Não demora, filho...

Você tem a impressão de ouvi-la concluir dizendo “da puta”, mas ela já se afastava da porta e falava baixo. Não dá para ter certeza, mas você ri enquanto diz a seu amigo:

— Beleza, voltando ao jogo...

O tabuleiro de Zombicide montado no chão do quarto de Miguel representa alguns quarteirões de uma cidade infestada por zumbis, incluindo o supermercado que vocês acabaram de saquear. O personagem de Miguel, um bonequinho de plástico com três centímetros de altura, já está dentro do Tunadão no meio da rua enquanto você está no mercado com A Abominação. Ela é representada por estatueta de um zumbi praticamente o dobro do tamanho dos seus personagens e cheia de espinhos saindo do corpo monstruoso. Como você bem sabe, um único ataque dela mataria qualquer um, então, encurralada como está, seu personagem não tem a menor chance de sair vivo dessa aventura. Miguel move seu personagem junto à peça do veículo até o campo de saída, cumprindo o objetivo do grupo, enquanto você simbolicamente derruba seu personagem aos pés da Abominação.

Um grito abafado puxa vocês dois de volta à realidade, ambos encarando a porta fechada. Parecia a voz do irmão mais novo de Miguel no outro quarto.

— O que esse moleque aprontou? — Miguel resmunga enquanto se levanta e abre a porta.

Você vai atrás dele, com curiosidade, mas sem querer se meter. É possível que a mãe deles arrume um jeito de culpar vocês por não estarem brincando com o pivete.

— Mãe?! — Miguel diz parado em frente à porta aberta do quarto do irmão.

Sua curiosidade fala mais alto e você espia por cima do ombro do seu amigo para dentro do quarto. Por um instante, você não vê o pirralho, somente Dona Cláudia, uma mulher enormemente obesa de costas para vocês, de pé em frente à cama infantil do outro lado do quarto. Você vê algo se mexendo e identifica o irmão do seu amigo deitado sobre a cama, encoberto de sangue e com os olhos abertos na sua direção. Ele ergue o braço e abre a boca, tentando pedir ajuda, mas engasgando com o próprio sangue, então Dona Cláudia levanta seus enormes braços e desce com toda a força contra a cabeça do garoto. Você ouve um som seco e o coitado quica sobre o colchão. Ela põe as duas mãos em seu pescoço, pronta para estrangulá-lo, quando Miguel grita:

— Mãe, para!

Ele dá um passo à frente e a mãe vira em sua direção, então Miguel para. Ela arrasta o pirralho pela gola da camiseta, puxando-o para fora da cama como um boneco de pano. Os olhos abertos e sem vida do garoto reforçam essa imagem, mas o que faz seu sangue gelar é o monstro que o segura. Mesmo daquele tamanho, Dona Cláudia sempre foi doce e gentil, mas seu olhar agora é pura raiva. Seu coração dispara e seu cérebro manda você agir, mas suas pernas amolecem e não reagem frente à abominação que rosna entre os dentes cerrados e avermelhados. Seus olhos são rubros como o sangue que escorre da sua boca e das feridas no corpo do seu filho.

É como estudar uma matéria como um louco por uma semana inteira e ter um branco absoluto na hora da prova. Jogos, filmes, gibis... durante anos você treinou para esse momento e agora está aí, numa total paralisia em frente ao perigo, prestes a ser devorado como um coadjuvante qualquer.

Miguel dá dois passos para trás, pisando em seu pé e caindo para a esquerda. Você também se desequilibra, saindo à força de sua inércia. Enquanto cai para a direita no chão do corredor, você vê o irmão de Miguel passar voando por cima de vocês, arremessado pela mãe na sua direção. Graças aos reflexos do seu amigo, o pirralho erra o alvo e enfia a cara na parede branca do corredor. Um *TUM!* reverbera como um bumbo por todo o apartamento.

Dona Cláudia sai correndo do quarto para o corredor e fica entre você e seu amigo, alternando o olhar entre os dois. Você se arrasta para trás como pode, afastando-se daquela maníaca e arrependido por ter caído para a direita e não para a esquerda. Miguel está do lado onde fica a sala de TV, a varanda e a única saída do apartamento. Do seu lado do corredor, somente a suíte da Dona Cláudia e o quarto de Miguel, onde há pouco tempo vocês enfrentavam dezenas de zumbis fictícios. Você está sem saída.

— Corre! — Você diz, jogando-se para dentro do quarto do seu amigo e batendo a porta.

Há uma forte pancada, como se alguém se jogasse contra a porta fechada, mas em seguida você ouve passos pesados pelo corredor, se afastando. Ela foi atrás de Miguel.

Você sabe que tem que agir rápido, mas precisa de algum tipo de arma. Revira o quarto rapidamente e só encontra livros, jogos e bonecos colecionáveis. Caralho, o que você não daria para que seu amigo fosse integrante de um time de beisebol ou de esgrima! Não, não há nada disso no quarto de Miguel, mas então você vê a velha Tagima pendurada na parede. Uma guitarra azul que ele herdou do pai e nunca aprendeu a tocar.

Segurando-a com as duas mãos pelo braço, você vira o corpo do instrumento para cima, ao lado da sua cabeça. A madeira e as cordas de aço logo ficam umedecidas de suor, fazendo com que você perceba o nervosismo dominando seu corpo. Estendendo o instrumento à sua frente para testar seu peso, a pintura azul brilhante reflete seu rosto. Você mostra os dentes para seu reflexo e estufa o peito, emulando a bravura do seu personagem da partida de Zombicide. Talvez essa guitarra ainda tenha alguns acordes guardados para o último show.

Abrindo uma pequena fresta da porta, você vê o irmão de Miguel caído imóvel no corredor, onde sua mãe o arremessou. Se já não estava antes, agora o moleque com certeza está morto, com o pescoço dobrado em um ângulo impossível. Depois do corredor, você vê a sala de jantar e, à esquerda, a porta de saída. Ela está entreaberta! À direita fica a sala de TV e a varanda. Com ouvidos atentos, você caminha em direção à saída, passando com cuidado por cima do coitado do pirralho morto. Quando está quase na sala, você ouve Miguel gritando da varanda, sua voz abafada pela porta de vidro fechada:

— *Alguém me ajuda aqui! Minha mãe tá louca e quer me matar!*

Você está de costas para a parede no fim do corredor e arrisca espiar dentro da sala. Dona Cláudia ainda está ali e seu filho está encurralado na varanda, com as portas fechadas. Os gritos de Miguel a provocam do mesmo jeito que aquela ração úmida costumava aticar seu cachorro, e ela começa a esmurrar a porta de vidro e gritar enlouquecida. Pelo jeito das coisas, você deduz que ele correu até a saída e conseguiu abrir a porta, pois ela está entreaberta, mas sua mãe deve ter o alcançado e ele teve que fugir para a varanda. De repente, ela se joga contra a porta com todo seu peso, criando uma fina trinca no vidro que a separa de seu filho. Você aproveita a confusão para dar alguns passos em direção à saída, evitando fazer qualquer barulho. Você não sabia que seu coração podia bater tão rápido sem explodir e sente que vai vomitar a qualquer momento, mas de novo você emula seu personagem do jogo. Não é só um cara corajoso, mas liso como um gatuno, que passa despercebido entre hordas de infectados quando necessário. Deixando o medo de lado, você se move passo por passo, pisando primeiro com a ponta do pé, depois lentamente colocando o calcanhar no chão. Você tem certeza de que é um dos ninjas mais fodas da galáxia, quando percebe a guitarra em suas mãos esbarrando em algo e já é tarde demais. Você fecha os olhos e aguarda o inevitável *CRASH!* do vaso que acabou de derrubar. De cabeça baixa, você abre os olhos e vê os mil pedaços de cerâmica colorida espalhados pelo chão de madeira. Talvez a antiga Dona Claudia ficasse emputecida ao ver seu vaso estilhaçado, mas a nova Dona Claudia não precisa de um motivo para te matar... e agora você conseguiu sua atenção.

A mulher tem os olhos vermelhos fixos em você, sangue escorrendo de um corte em sua testa e ela parece ainda mais furiosa que antes. Seu amigo olha esperançoso para sua arma. É hora de tomar uma decisão.

Segurando o braço do instrumento com as duas mãos, você faz um movimento circular e arremessa a guitarra. Ela gira no ar algumas vezes até atingir a porta da varanda já rachada, estilhaçando todo o vidro. Dona Cláudia olha para a porta quebrada e se atira na direção do seu filho, mas você não fica para ver o que acontece depois.

A porta do apartamento já está fechada às suas costas, abafando os gritos de dor e desespero de Miguel. Isso não tem importância agora, tudo que importa é que você sobreviva. Este é o seu objetivo.



Tomou mais um gole de uísque barato e sem gelo. Não estava ali para uma degustação de puro malte escocês. Bebia para esfriar os ânimos, ainda que parecesse ter o sangue frio de uma cascavel.

Sentado ao balcão de um bar imundo nos confins da cidade de Osasco, pousou os olhos na televisão à sua frente. O apresentador do noticiário local falava de uma epidemia que se espalhava pelo litoral do estado, deixando os infectados em um estado “agressivo e perigoso”. *Mídia da paranoia e histeria*, pensou enquanto

outro gole descia queimando sua garganta. Também não estava ali para assistir ao jornal das sete.

Os azulejos branco-encardidos das paredes realçavam a falta de higiene daquela espelunca, além de prejudicar sua acústica. A música ruim que saía dos alto-falantes presos ao teto era acompanhada pelo som de bolas de resina se chocando em uma mesa de sinuca, onde quatro jovens mal-encarados conversavam aos berros, bebendo cerveja barata e compartilhando um cigarro suspeito.

A partida parecia ter chegado ao fim, pois uma das duplas parecia feliz e a outra muito emputecida. Os vencedores pegaram o dinheiro que estava sobre a mesa. Um dos perdedores sentou-se, pedindo mais cerveja ao garçom, enquanto o outro disse que ia mijar e partiu em direção aos fundos do bar. O homem do balcão entornou seu copo de uísque, levantou-se e seguiu o jovem até o banheiro.

O rapaz estava em frente ao mictório de louça, debruçado contra a parede, quando a porta se fechou atrás do homem que o seguia. Esse lugar era ainda mais repugnante que o resto do bar. Uma folha de papelão cobria o piso, numa tentativa inútil de absorver o líquido escuro e fétido que parecia se acumular ali há meses. Tudo isso era mal iluminado por uma lâmpada incandescente pendurada no teto por um fio envolto em fita isolante preta.

— Vai balançar pra mim ou o quê? — perguntou o rapaz entorpecido, ao notar o homem parado às suas costas.

Mal ele havia terminado a frase e uma mão forte empurrou sua cabeça para frente, quebrando o azulejo podre da parede. Grogue com a pancada, o rapaz cambaleou para trás, sentindo a mão em sua nuca e um pé atrás de seu joelho, forçando-o a ajoelhar-se na poça de mijo e vômito.

— Você é o Foguinho, certo? — o homem perguntou, revelando seu sotaque com o “r” puxado, típico em pessoas do interior paulista.

— Quê?! Cara, cê quebrou meu nariz.

A mão que segurava sua nuca empurrou-o para frente em um tranco, usando seu rosto como um aríete para estilhaçar a louça vagabunda do mictório úmido.

Enquanto sangue escorria pelo queixo e manchava sua camiseta regata, o rapaz ouviu seu inquisidor perguntar novamente:

— Foguinho?

Ele acenou com a cabeça.

— Quero saber onde encontro o Zezé. Onde ele guarda as drogas?

O rapaz começou a rir, mostrando seus dentes avermelhados pelo sangue que fluía de sua bochecha cortada.

— Cê tá louco, caipira? Ele mata xis nove sem dó. Não vou falar porra nenhuma.

Com um novo empurrão, mais lento dessa vez, o homem aproximou o olho direito do rapaz de uma ponta da louça quebrada e afiada como uma navalha.

— Se preocupe comigo primeiro, seu merdinha.

— Tá bom, tá bom — o rapaz gritou em desespero. — Eles ficam em um galpão no Morro do Socó. Rua Sebastião Guilherme, 32. Cê não sabe onde está se metendo, caipira.

Um murro bem dado na nuca apagou o Foguinho, fazendo um barulho aquoso ao cair sobre a imundice do chão. O homem estava prestes a sair quando a porta se abriu. Um dos rapazes embriagados entrou no banheiro e viu seu amigo caído.

— Que porra é essa?! — o rapaz à porta resmungou, quando o homem deu dois passos largos em sua direção, tirando um soco-inglês do bolso e aplicando um cruzado em seu queixo.

O soco-inglês é uma pequena arma branca, feita de quatro anéis de metal conectados para encaixar os dedos e potencializar o estrago de um soco. Uma arma apropriada para lutas sujas, muito utilizado pelos *hooligans*, *punks* e mafiosos, devido a facilidade de portá-lo e ao dano que causa em suas vítimas. Quando atingiu a mandíbula do infeliz, um estalido ecoou pelos azulejos do bar, seguido pelo som dele caindo desacordado no chão do banheiro.

Ao sair dali, o homem deparou-se com o outro par de delinquentes. Pensou em dizer que seu assunto era com o Foguinho e que ninguém mais precisava ir parar no hospital, mas desistiu ao ver que um deles estava armado com um taco de sinuca e outro com uma garrafa quebrada.

O cara com o taco de sinuca deve ter assistido filmes demais, pois bateu sua arma sobre a mesa, tentando quebrá-la no meio. Ao ver o bêbado distrair-se com o taco, o homem avançou contra ele, agarrou a gola de sua camiseta com a mão esquerda e desferiu um soco na boca de seu estômago, usando o soco inglês. O rapaz curvou-se como uma folha de bananeira e tombou para frente, lutando por ar.

O homem pegou o taco de sinuca do chão e virou-se contra o outro moleque, que agora corria em sua direção com a garrafa quebrada. Num movimento rápido e giratório, fez o taco zunir ao projetar sua ponta mais pesada contra a bochecha do infeliz, descrevendo um perfeito arco paralelo ao chão antes de arrancar quatro dentes de sua boca. Vitorioso sobre seus inimigos caídos, o homem olhou para frente e viu o dono do bar sacar um revólver debaixo do balcão. Antes que estivesse sob sua mira, correu para a janela aberta mais próxima e pulou, ouvindo os gritos dos fregueses daquele lugar detestável.

Do lado de fora do bar, subiu em sua motocicleta e partiu rumo ao Morro do Socó.

Zezé fechou o zíper da sacola no porta-malas do Kadett preto, dentro do armazém na Rua Sebastião. Já tinha conferido três vezes a grana que estava lá dentro. Os caras do Don tinham combinado de estar ali às duas da manhã para fazer a transação, mas estavam dez minutos atrasados. Aqueles putos não eram famosos por sua pontualidade.

Don era um dos maiores fornecedores de cocaína e derivados da grande São Paulo, e um grande filho da puta. Ele tinha a palavra final de quanto cada um de seus clientes pagaria por cada carga e quantos quilos iria comprar. Ele nem mesmo se dava ao trabalho de dizê-lo pessoalmente ou fingir que havia alguma negociação. Seu braço direito, Pablo, fazia todas as transações com os clientes, garantindo que eles cumprissem seus papéis.

Um carro se aproximou do lado de fora parou na frente do portão, então um dos capangas de Zezé anunciou pelo rádio:

— *São eles, chefe.*

Zezé fez um sinal para que Casca abrisse o portão. No total, ele contava com 15 homens ali: Quatro faziam a segurança do lado de fora e 11 acompanhariam a transação, prontos para começar a distribuição assim que estivessem com a mercadoria. O Fusion branco perolizado de Pablo parou no meio do galpão, com a traseira virada para o único acesso do lugar. Casca fechou o portão, trancando-o com corrente e cadeado.

Pablo e três rapazes desceram do carro. Ele era um homem baixo e carrancudo, vestindo uma camisa social com os botões de cima abertos, onde exibia sua grossa corrente de ouro. Seus capangas vestiam camisetas e tênis de marca, relógios caros e seguravam submetralhadoras modelo Mini-Uzi.

— Meu grande amigo Pablo — disse Zezé. — Tudo certo no palácio?

— Suave, Zezé — Pablo respondeu, mesmo sabendo que aquela era uma forma irônica de se referir à mansão do Don. — Vejo que os negócios vão bem por aqui. O que é aquilo? Cigarro?

Pablo apontava para um amontoado de caixas ao lado da entrada do galpão. Fora o espaço ocupado pelos dois carros e um pequeno círculo formado pelos traficantes, todo o lugar era ocupado por paletes e caixas empilhadas.

— Bebida, cigarro... se fosse só a farinha do Don a gente tinha que fechar as portas.

— Há, há! Quem não te conhece e vê esse Kadett velho, é capaz de acreditar nesse papinho. Bom, já que você tocou no assunto... *Cadê as garoupas?*

Zezé contraiu os lábios por um instante, emputecido como sempre ficava quando alguém falava mal de seu carro. Forçou-se a manter o profissionalismo e abriu um largo sorriso falso, sinalizando para que Edu trouxesse a sacola recheada de notas de cem.

— Tá tudo aqui, meu amigo.

Pablo pegou a sacola, testando seu peso como se tentasse adivinhar quantas cédulas havia ali dentro. O sorriso em seu rosto sugeria que era a quantia esperada. Um de seus garotos trazia uma maleta do porta-malas do Fusion, quando um som ecoou pelo galpão.

BAM!

Pó branco escoava de um buraco de bala bem no meio da maleta, como farinha vazando de uma embalagem furada. Meio milhão de reais de farinha. Por um confuso momento as duas gangues se entreolharam enquanto a droga se espalhava pelo chão. Em pouco tempo não havia dúvida de como a situação seria resolvida. Pablo e seus capangas apressaram-se para trás do Fusion, disparando saraivadas de tiros de Uzi contra os filhos da puta que os haviam emboscado.

Zezé escondeu-se atrás de uma pilha de caixas, ainda sem saber quem havia disparado o primeiro tiro. Seus homens também se escondiam, menos Chicão, que tinha levado um balaço na cabeça. Os demais esperavam seu comando seu para reagir. Seria obrigado a eliminar a equipe de Pablo, enquanto tentava descobrir quem o havia traído.

— Passa fogo nesses cornos — ordenou Zezé.

Então eles revidaram. Tiros dos mais diversos calibres de pistolas semiautomáticas e um fuzil Kalashnikov — Casca tinha um caso de amor com sua boa e velha AK47 — varavam a lataria e as janelas do Fusion, ao mesmo tempo que rajadas de tiros de Uzi pipocavam nas caixas de uísque, vodca e outras bebidas contrabandeadas, espalhando o líquido pelo chão e farelos de tabaco pelos ares. Em meio ao tiroteio, um de seus homens, Gui, foi atingido. Isso não era uma grande surpresa — Gui nunca foi o mais ágil ou esperto do grupo —, mas a forma como ele foi alvejado pelas costas chamou a atenção de Zezé. Havia alguém ali, escondido nas sombras. Alguém que começou aquela confusão. Alguém que receberia a devida atenção, assim que dessem cabo do bando de Pablo.

— O Don vai acabar com a sua raça, traíra de merda — Pablo gritou e atrás do carro, ao lado dos corpos de seus capangas mortos.

Zezé nunca gostou dele. Sempre com sua corrente de ouro, carro novo e moleques com roupa da moda. Não aceitaria mais desaforo de um bosta desses. Acompanhado de seus homens, aproximou-se do carro, onde Pablo estava rendido ao lado dos moleques mortos e sem balas em sua arma, e disse:

— Foda-se o Don.

BAM!

O tiro da Colt calibre 44 de Zezé machucou os ouvidos de todos que estavam no galpão, mas fez um estrago muito maior na cabeça de Pablo. O buraco de entrada que o projétil deixou em sua testa tinha mais ou menos dois dedos de

diâmetro, mas a parte de trás de seu crânio foi completamente desfragmentada, pintando com sangue e miolos o que poderia ser um quadro pós-moderno na lataria do Fusion. *Memórias de um cuzão pau mandado*, Zezé pensou, rindo sozinho.

— Tem mais alguém aqui — disse Zezé, mantendo-se abaixado atrás do veículo enquanto vasculhava os cantos do galpão. — Achem o filho da puta e tragam ele para mim.

Não foi necessário procurar muito. Assim que o primeiro homem de Zezé saiu de trás do Fusion, recebeu um tiro no meio do peito e caiu para trás. Começou então um novo tiroteio, mas desta vez eram oito contra um. O intruso tinha a seu favor as sombras projetadas pelas caixas, já que a única fonte de iluminação vinha de lâmpadas distribuídas pelo teto no centro do armazém.

— Você é um homem morto, tá me ouvindo? — gritou Zezé.

Com outro tiro certo, mais um dos homens de Zezé caiu, com um buraco de bala onde devia estar seu ombro direito. Ao disparar o tiro, o intruso revelou que estava escondido atrás de uma fileira de caixas empilhadas ao lado esquerdo do galpão, perto da entrada.

— Vamos, ele tá ali! — ordenou o chefe.

Zezé e quatro capangas ficaram escondidos atrás do carro, enquanto os outros três buscaram cobertura atrás dos mesmos paletes onde o intruso estava escondido.

— Cê tá cercado — disse Zezé. — Larga o cano agora ou a gente passa fogo em você aí mesmo.

— Você matou meu irmão, seu merda — ressoou a voz do pistoleiro caipira detrás das caixas. — Ninguém sai vivo daqui hoje.

Após tantos tiros disparados ali dentro, Zezé estava com um zunido constante em seu ouvido. Ouvia ecos dos estouros o tempo todo, mas naquele momento, após ser ameaçado pelo intruso, ficou claro que não se tratavam de ecos. Estava acontecendo outro tiroteio do lado de fora do galpão. Aumentou o volume de seu rádio e ouviu os gritos desesperados de seus homens.

— *...eles estão por todos os lados.*

— *...pegaram o Johnny, porra. Corre!*

Um dos homens que estavam cercado o intruso tentou surpreendê-lo, mas recebeu um tiro na mão em que segurava sua pistola. Gritando de dor, derrubou sua arma e voltou para trás dos paletes.

— Chega de palhaçada — disse Zezé. — Passa esse puto.

— O nome dele era Roger — gritou o pistoleiro. — Quero que você saiba antes de eu meter uma bala na sua cabeça.

— Roger? Isso tudo é por causa do bosta do Roger? — Zezé ria, apesar da raiva que sentia daquele desgraçado. — Seu irmão era preguiçoso e ganancioso. Quis abandonar os irmãos porque achava que eu não pagava o suficiente, mesmo

sem fazer porra nenhuma direito. Tive que fazer dele um exemplo, e você é o próximo.

Era só o que me faltava, pensava Zezé. Sempre tinha algum de seus homens que estava infeliz com o pagamento e queria sair. Mas eles sabiam demais sobre as operações para simplesmente encerrar as atividades e ir para casa. De tempos em tempos, precisava mostrar aos outros o que acontecia com esse tipo de traíra. Só não imaginava que aquele traíra tinha um irmão tão obstinado, a ponto de se sacrificar para vingar sua morte.

Dois homens que estavam com o chefe atrás do carro correram em direção às caixas, juntando-se aos já estavam ali. Com uma dupla em cada lado da fileira, o pistoleiro estava cercado, escondido atrás de uma única caixa de um metro e meio de altura. Os quatro começaram a atirar contra a caixa, destruindo aos poucos sua proteção.

Enquanto aguardava a morte do filho da puta que atrapalhou seus negócios, Zezé viu que havia uma aglomeração de pessoas atrás do portão. Certificou-se de que seu rádio estava ligado, mas não havia nenhuma comunicação de seus homens do lado de fora, o que significava que seus rádios estavam quebrados — ou que eles estavam mortos.

3

Entre os estouros dos tiros disparados contra ele, o pistoleiro ouviu o som metálico de batidas na entrada do galpão. Havia dezenas de pessoas ali, a julgar pela quantidade de pés que via por baixo do portão. Por um vão lateral, viu um homem que tentava entrar, puxando e empurrando a porta como um louco e com os olhos mais vermelhos e assustadores que ele já tinha visto. Lembrou-se da reportagem que viu na tevê do bar. “Os infectados demonstram comportamento agressivo e perigoso”, o repórter dissera. Talvez não fosse uma notícia sensacionalista, afinal. A única coisa que importava para ele era que havia pessoas tentando entrar ali, e qualquer coisa que pudesse mudar o cenário dentro daquele lugar seria uma ótima notícia para ele.

O pistoleiro apontou sua arma para o cadeado que prendia a corrente no portão e atirou. O cadeado despedaçou-se e a corrente foi escorregando para fora da trava, enquanto o portão abria aos poucos para o lado de dentro.

Por um breve instante, ficou feliz por seu plano estar funcionando, até que viu os indivíduos que passavam pelo portão aberto. Homens, mulheres, crianças. Todos cobertos de sangue e com o mesmo olhar ensandecido em seus olhos vermelhos. Viu uma garotinha que não devia ter mais de seis anos de idade, vestindo apenas uma camisola ensanguentada enquanto avançava para dentro do galpão,

espumando por entre seus os dentes cerrados e expostos, como um bicho selvagem e raivoso.

— Que porra é essa?! — resmungou Zezé, inclinando a cabeça ao olhar para os novos invasores. — Atirem nesses malucos, vamos!

O chefe disparou o primeiro tiro com sua Colt 44, sendo seguido por uma rajada de AK47 que derrubou três dos invasores de uma vez só. O homem que estava escondido atrás das caixas viu-se fora do foco da ação, com os atiradores que o cercavam recuando para trás dos carros. Aquela podia ser sua única chance para buscar uma nova cobertura. Avaliando suas opções, o portão aberto estava à sua esquerda, mas a cada segundo apareciam mais infectados, somando mais de 30 até o momento e impossibilitando qualquer plano de fuga. Atrás da caixa em que se escondia estava o Fusion com o porta-malas aberto e atrás dele estavam Zezé e seus capangas, atirando em direção à turba. Não conseguiria passar pelos homens armados despercebido, portanto recuar para o fundo do galpão não era uma boa ideia. Decidiu tentar a sorte se escondendo no carro do falecido traficante.

Antes que os infectados bloqueassem sua passagem e o deixasse encurralado, saiu de trás da caixa e correu em direção ao Fusion, surpreendendo Zezé e seus homens. O chefe disparou dois tiros em sua direção, mas ele corria agachado e os tiros passaram zunindo sobre sua cabeça. Pulou para dentro do porta-malas e fechou a tampa rapidamente, trancando-se lá dentro.

Os minutos que passou trancado naquele caixote de metal foram aterrorizantes, mesmo para um cara sangue frio como ele. À medida que a munição dos capangas de Zezé acabava, os infectados chegavam mais perto deles, urrando como os loucos desvairados que eram. Em pouco tempo, começaram os gritos de dor dos infelizes que se deixavam pegar pelos doentes. Dali de dentro, no escuro, o pistoleiro só podia imaginar as atrocidades que aconteciam do lado de fora. *Não é menos do que eles merecem.*

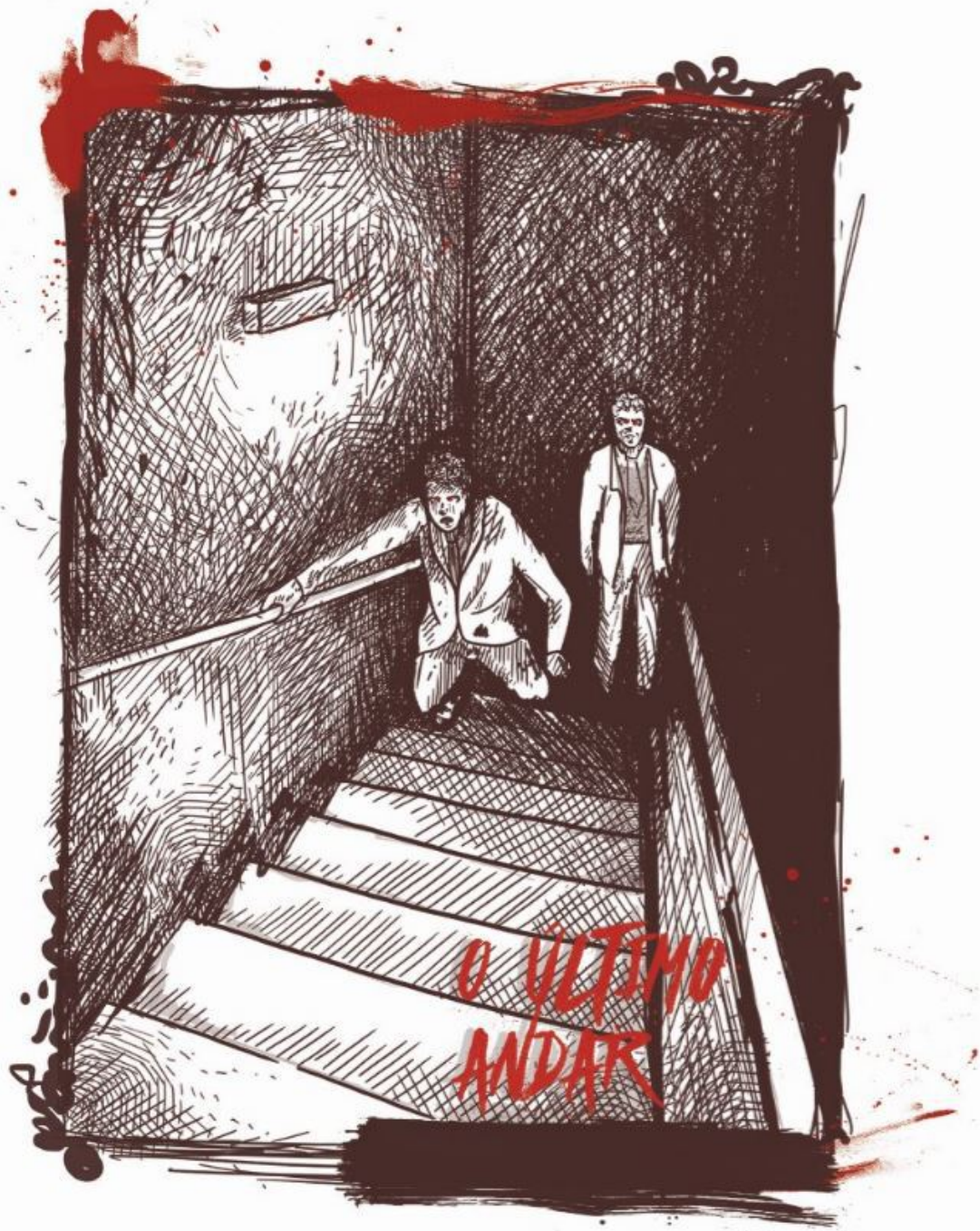
Ouviu o som do motor do Kadett sendo ligado e em pouco tempo o carro estava saindo dali, atropelando dúzias de infectados pelo caminho, a julgar pelos sons da lataria do carro batendo contra as pessoas, corpos caindo no chão e estalos de ossos sendo partidos. Foi quando sentiu o carro em que estava ser chacoalhado a primeira vez, e novamente logo em seguida. Os malucos sabiam que estava ali e tentavam pegá-lo. Precisava de um plano. Rápido.

Acendeu seu isqueiro e viu a mala que estava com ele no porta-malas. Abriu-a encontrou o dinheiro de Zezé. Não achava que conseguiria subornar sua saída daquele inferno, então aquilo não tinha utilidade alguma. Pegou a faca que trazia amarrada na perna e rasgou o banco que o separava do interior do carro. Fora do porta-malas estaria mais vulnerável, com as janelas estouradas, mas não podia ficar

no ali para sempre. Ainda tinha seis tiros em sua pistola. Abriria seu caminho à bala, se precisasse.

Após atravessar o banco rasgado, viu dois infectados já com metade dos corpos para dentro do carro, atraídos pelo barulho que estava fazendo. Deu um tiro na cabeça de cada um, resolvendo o problema imediato. Seu novo problema era que agora todos os miseráveis daquele galpão estavam com os olhos nele, loucos para pegá-lo.

Rastejou como pôde pelo interior do veículo até chegar ao banco do motorista. Pisou no freio e apertou o botão ao lado do volante, fazendo roncar o motor do carro. Bendito o homem que inventou o sistema de partida sem chave, pensou. Colocou o câmbio automático em modo drive e pisou no acelerador, derrubando meia dúzia de malditos que estavam à frente e deixando um filho da puta pendurado no buraco da janela à sua direita. Estendeu o braço e disparou um tiro, acertando o ombro do invasor. O maldito não deu a menor atenção ao ferimento e continuou se arrastando da janela para o banco de passageiro. Merda. Acelerou o carro e saiu daquele lugar dos infernos, afastando-se de dezenas de infectados que o perseguiam enquanto encostava a arma na cabeça do infeliz e dava o tiro de misericórdia. Já na rua, olhou para trás e viu mais de trinta infectados saírem do galpão, correndo atrás do carro. Nunca o alcançariam. Ele não desaceleraria até encontrar e acabar com a vida do maldito que matou seu irmão.



Tássia estacionou seu carro no subsolo do prédio onde trabalhava, pensando nos compromissos do dia. Revisar as projeções de resultado do mês, preparar a apresentação de *budget* do próximo *quarter* e apresentar à diretoria no início da tarde. Abriu sua bolsa e certificou-se que tinha trazido algumas barrinhas de cereais. Não tinha a ilusão de que haveria tempo para almoçar.

Caminhava até o elevador, as batidas de seu salto sobre o cimento ecoando pelo subsolo. O nível dos carros estacionados aumentava de acordo com a proximidade da entrada. Apenas uns 200 felizardos tinham o privilégio de estacionar nos dois andares subterrâneos — o que Tássia tinha conseguido ao ser

promovida a gerente sênior, — mas seu Mini Cooper perdia o brilho perto das Mercedes e BMWs da diretoria.

No centro do prédio, um *hall* com oito elevadores modernos. Ela apertou o botão e aguardou, observando as estampas em cada uma das portas, cobertas com adesivos de propagandas dos produtos da empresa. Era uma grande multinacional que produzia de tudo, de papinha de neném ao sabão em pó que deixa a sua roupa até 40 — quarenta! — por cento mais branca que o da concorrência, conforme o anúncio da porta que se abria para Tássia.

Sozinha no elevador, passou o olhar pelo painel onde os números vermelhos iam subindo. -1... 0... 1... uma folha de papel estava exposta em um suporte de acrílico colado à parede, chamando sua atenção. “Desaparecida: Isabella Soares”. A foto de uma garota ruiva, estagiária do departamento financeiro, estampava o aviso que descrevia as vagas circunstâncias de seu desaparecimento há quase um mês. Tássia desviou o olhar para o chão, então voltou-se para o painel. 9... 10... a garota provavelmente tinha fugido, ou talvez tivesse acontecido algo pior. De qualquer forma, não havia o que fazer. Precisava concentrar-se nas tarefas à frente. 14. A porta se abriu e Tássia a atravessou, ressoando batidas apressadas dos seus saltos, abafadas pelo carpete do chão.

2

A equipe de Tássia estava em uma sala de reunião: cinco pessoas em volta de uma mesa retangular, olhando para a apresentação de *PowerPoint* projetada em uma das paredes. A gerente olhou para o relógio de pulso e constatou o que já tinha previsto: perdeu a hora do almoço. A reunião de alinhamento, que deveria durar até as 11, se arrastou até quase uma da tarde, como era de praxe em reuniões às segundas-feiras de manhã.

Tássia agradeceu ao time, finalizando a reunião, e dirigiu-se à trainee da área:

— Yasmin, você toca a apresentação à diretoria?

— Claro! — respondeu a garota de 23 anos, com uma garra impressionante para alguém que não comera nada a manhã toda. — Estou pronta.

— Desculpe o horário, levamos mais tempo do que eu pretendia para revisar tudo. Eu tenho umas barrinhas aqui na bolsa... — disse Tássia enquanto vasculhava sua Longchamp — Mas vai ser bom para você, representar a área numa reunião dessas. Eu estarei junto se precisar reforçar algum ponto, ok?

Tássia estendeu uma barrinha para a *trainee*, que cutucava as cutículas dos dedos compulsivamente. Sabia que ela estava ansiosa, mas o olhar decidido e

ganancioso da garota a lembrava dela mesma no início de sua carreira, e isso reforçava sua confiança no sucesso da apresentação.

Fecharam seus *laptops* e saíram da sala, mastigando aquele almoço fajuto. Fora algumas salas de reunião, o 14º andar era um espaço amplo e aberto. Dezenas de mesas compridas definiam o *layout* das áreas de trabalho, onde pessoas de diversos setores trabalhavam em seus *notebooks*. De onde estavam, as duas podiam ver as quatro laterais do prédio, todas de vidro transparente do chão ao teto, sem janelas, dando ao local uma boa iluminação natural e uma vista incrível da Vila Olímpia. Quando tinha cinco minutos de folga — o que era raro e definitivamente não era o caso agora — Tássia gostava de tomar um café olhando a Marginal Pinheiros à lateral oeste do prédio. Era uma vista bonita assim, longe o suficiente para não enxergar os dejetos nas margens do rio ou sentir seu cheiro fétido.

Caminhando em direção ao elevador, as duas já tinham terminado suas barrinhas e esquecido completamente a vontade de ter um almoço de verdade. A oportunidade para a *trainee* expor seu trabalho aos diretores era ótima também para a gerente, afinal, a garota era seu plano de sucessão. Ter alguém pronto para assumir seu lugar era essencial para que ela pudesse subir ao próximo andar de seu agressivo plano de carreira.

A porta do elevador se abriu e lá estavam Stephanie e Thiago, indo para a mesma reunião que eles. Stephanie tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo, que se estendia sobre o blazer branco lindo que ela vestia sobre uma camisa e saia pretas, combinando com seus sapatos de salto agulha tão altos quanto os de Tássia. Apesar de admirar seu bom gosto para roupas, Tássia odiava aquela mulher, que faria de tudo para puxar seu tapete. Ela também era gerente de marketing, uma função idêntica à sua em outra categoria de produtos, e Thiago era seu *trainee*. As duas duplas eram concorrentes em todos os aspectos dentro da empresa.

Cumprimentos superficiais e beijos simulados enquanto a porta do elevador se fechava.

— Yasmin, querida — Stephanie disse, olhando rapidamente para o aviso na parede, — você teve novidades da Isabella? Estamos todos muito preocupados.

Golpe baixo, pensou Tássia. As duas eram amigas, e o desaparecimento de Isabella tinha grande efeito sobre Yasmin. Os boatos sobre o que acontecera eram os piores possíveis, e tocar naquele assunto só podia ser uma tentativa de desestabilizar sua *trainee* para a apresentação.

— Tenho certeza que é só um mal-entendido, querida. Logo ela aparece de volta — disse Tássia, procurando uma deixa para mudar de assunto. — Thiago,

tudo bem com sua vista? Você não para de coçar os olhos...

O rapaz tinha a cabeça baixa e esfregava os olhos com vigor desde que as duas entraram no elevador. Ao ouvir o comentário, levantou sua cabeça e grunhiu:

— Tô bem.

— Nossa, Thiago! — exclamou Tássia, instintivamente afastando-se do que parecia ser contagioso. — Isso não é conjuntivite? Não seria melhor voc...

Tássia foi interrompida por um solavanco no elevador, que parou entre os andares 19 e 20. O alarme de incêndio apitava estridente do outro lado da porta de metal.

Enquanto Tássia ainda pensava no que fazer, a luz do elevador se apagou com um estalo, arrancando um grito de Yasmin. Um segundo depois a lâmpada de emergência se acionou, deixando os quatro sob uma tênue luz amarelada.

— Droga... — resmungou Tássia — Vamos nos atrasar.

Ao mesmo tempo, Stephanie e Tássia se aproximaram do interfone na parede do elevador, apertando o botão de emergência para pedir ajuda a alguém. O interfone soou diversas vezes, sem resposta.

— Thiago, você tá bem? — Yasmin perguntou no outro canto do elevador, perto do espelho.

O rapaz estava sentado no chão, resmungando algo ininteligível enquanto sua colega agachava ao seu lado com as mãos em seu ombro. Ele tinha a cabeça entre os joelhos, com as mãos apertando as têmporas como quem sofre de uma forte enxaqueca. Quando Yasmin chegou perto o suficiente para ouvi-lo, Thiago gritou:

— Desliga esse alarme, porra!

Yasmin tentou afastar-se, mas ele agarrou sua blusa e puxou-a para baixo. Perdendo o equilíbrio, a jovem caiu de joelhos no chão.

— Thiago!

O rapaz rugiu, parecendo incapaz de pronunciar uma só palavra em seu surto de fúria, então segurou Yasmin pelos cabelos e mordeu sua face.

O grito de dor de Yasmin misturou-se aos gritos de horror de Tássia e Stephanie. A garota se debatia nos braços de seu agressor enquanto ele arrancava um naco da sua bochecha, empenhado como se estivesse devorando um lanche particularmente saboroso. Tássia fez menção de interferir, então Thiago voltou sua atenção a ela, com seus olhos demoníacos e o rosto coberto de sangue. Aqueles

olhos... jamais tinha visto olhos tão vermelhos e cheios de raiva. Ela não teria nenhuma chance se aquele monstro decidisse atacá-la. Afastou-se um passo, encostando suas costas na porta de metal, e o maldito retornou para seu lanche, cravando os dentes na traqueia de Yasmin e cessando seus gritos.

As duas mulheres choravam baixinho e recuavam apavoradas, como se tentassem fugir do vermelho que fluía das feridas da garota e se espalhava pelo chão de mármore do elevador.

Tássia e Stephanie se entreolharam e agiram ao mesmo tempo, enfiando as pontas dos dedos na fenda entre as portas de metal que separavam aquele pesadelo do restante do prédio. Cada uma puxando para um lado, abriram a porta para revelar um grande bloco de concreto separava os dois andares. Havia dois vãos de pouco mais de meio metro por onde elas poderiam fugir: para cima ou para baixo.

Stephanie já tinha se decidido, pendurando-se pelas mãos no chão do andar de cima, e Tássia fez o mesmo. Os saltos agulha das duas rilhavam ao arranhar o concreto, ambas buscando qualquer forma de impulso para a subida enquanto o monstro rosnava no fundo do elevador. Olhando por cima do ombro, Tássia viu Thiago se levantar, seus dentes tingidos de vermelho e os olhos demoníacos alternando entre as duas presas à sua frente, como uma criança perversa decidindo qual brinquedo vai esfaquear primeiro.

Stephanie ergueu seu pé ao lado do corpo e cravou o salto nas costelas de Tássia, usando-a como um degrau para chegar ao próximo andar. Gritando de dor, Tássia soltou a mão esquerda do apoio, ficando pendurada somente pelo braço direito e usando a mão livre para agarrar o rabo de cavalo daquela maldita. Sentiu a pressão em sua costela aliviar um pouco, então usou toda sua força em um puxão que teria arrancado os cabelos da cabeça de Stephanie, mas ela cedeu com um gemido e caiu para trás.

Tássia não olhou para baixo, mas ouviu um som aquoso quando a traidora caiu sobre a poça de sangue com seu lindo blazer branco. Sentindo uma dor penetrante em seu flanco esquerdo, Tássia apoiou um dos pés na parede e alavancou seu corpo para cima. Passou pelo vão do elevador e arrastou-se pelo carpete do andar superior enquanto os gritos finais da traidora ecoavam no caixão metálico.

Tássia ficou de joelhos por um tempo, tentando se recompor. Tentava assimilar o que tinha acontecido. *Acabei de presenciar um assassinato. Eu sobrevivi, Stephanie e Yasmin não. Sou uma sobrevivente, só isso.* Concentrava-se em abafar a voz em sua mente que gritava “Assassina! Você a matou!” Sentiu-se sozinha.

Precisava encontrar alguém conhecido e contar sua história, como ela fugiu daquele psicopata maldito e as duas infelizmente não tiveram a mesma sorte. Na confusão do elevador, tinha perdido sua bolsa com celular e tudo. Lembrou-se dos diretores e da reunião. *Eles estão nos esperando! Preciso ir lá e contar o que houve.* A ideia estar com pessoas que não tentassem matá-la parecia um bom plano.

Começou a caminhar pelo 20º andar. O ambiente ali era diferente dos andares mais baixos, com diversos corredores levando a salas de reunião e aos escritórios privativos da alta diretoria e presidência. Tanto o *hall* dos elevadores quanto a área da recepção estavam vazios, luzes prateadas piscavam no teto e ali o alarme de emergências era ensurdecedor. Todos os sinais de que Tássia não devia estar ali passaram despercebidos por ela, até mesmo um par de sapatos femininos abandonados no meio do corredor. Passou sobre eles e seguiu até a sala da reunião, atrasada e sem sua trainee. Que jeito de começar a semana!

As paredes das salas eram de vidro fosco, do tipo que só se consegue ver borrões do outro lado, sem identificar quem ou o quê. Isso ajudava a manter a privacidade das reuniões, mas deixou Tássia tensa ao ver vultos se mexendo no centro da sala onde seria sua reunião. *Eles já estão aqui, é óbvio. Estou atrasada,* tranquilizou-se, inspirando com força enquanto girava a maçaneta e abria a porta.

Estirado sobre a mesa e com cabeça pendurada na borda de frente para Tássia, Phill, o diretor financeiro, era estripado por dois homens ensandecidos. Ela não tinha ideia de onde tinha ouvido essa palavra antes, estripado, mas foi o que veio a sua mente ao ver os dois puxando as tripas da barriga do sempre sério e meticoloso Phill. Os dois pareciam uma dupla de mágicos tirando da manga um emaranhado de lenços que parece nunca ter fim.

Os dois estavam entretidos com as tripas de Phill e não notaram sua presença, mas Tássia reconheceu o coque samurai ridículo de um dos gerentes de Marketing de sabão em pó. Nem todo o detergente do mundo tiraria o vermelho daquelas roupas agora. Tássia estava congelada assistindo àquele banquete grotesco, mas foi despertada de seu transe quando os dois malditos pararam de mastigar e viraram seus olhares para ela. Seus olhos rubros eram iguais aos do monstro no elevador, fazendo suas pernas fraquejarem em um medo primitivo e quase debilitante. Tentou recuar sutilmente, mas ao primeiro movimento que ela fez, os dois largaram as entranhas sobre a mesa com um sonoro *Splash* e dispararam em sua direção, esbarrando nas cadeiras de rodinhas e empurrando-as fora do caminho. Tássia pulou para fora da sala, bateu a porta atrás de si e fugiu pelo corredor.

Correu sem rumo até chegar ao *hall* dos escritórios do presidente e alta diretoria. Ouviu passos distantes ecoando pelos corredores. Buscando esconderijo, abriu a porta mais próxima e entrou.

Trancou-se ali dentro e bateu as costas contra a porta, deixando seu corpo deslizar até o chão, onde chorou por algum tempo. Tássia não conseguia tirar da cabeça as cenas do elevador, os gritos de Yasmin e Stephanie e o olhar morto de Phill. Os olhos vermelhos daqueles malditos... *Preciso sair daqui*, pensava, abrindo e fechando as mãos na frente do rosto, tentando fazer os dedos pararem de tremer, *todo mundo evacuou o prédio e estou aqui com estes malditos. Que merda está acontecendo?!*

Quando ergueu os olhos, viu que não estava sozinha e levantou-se em um pulo, ainda recostada contra a porta. De todas as salas que ela podia ter entrado, escolheu justamente a da vice-presidente de Marketing, chefe do seu chefe. Ela estava ali, sentada em sua cadeira e debruçada sobre a mesa à sua frente. Um dos braços cobria seu rosto e o outro estava esticado, segurando seu celular. Tássia aproximou-se com cautela e inspecionou o aparelho. Estava desbloqueado! A tela mostrava o tempo de duração de um telefonema, fazendo com que ele pudesse ser utilizado sem precisar digitar a senha. Considerou por um segundo usar o celular para pesquisar notícias sobre o que estava acontecendo, mas não. Ligaria direto para o 190.

Aquela mulher era uma das pessoas mais enérgicas que ela já havia conhecido, o que tornava ainda mais inquietante vê-la imóvel daquele jeito. Aproximou-se mais um pouco, todos os filmes de terror que tinha visto na vida reforçando seu medo de que ela pularia de sua cadeira a qualquer momento, com os olhos vermelhos e pronta para atacá-la. Usou o polegar e o indicador para pegar aparelho, como se sua mão fosse uma pinça e aquele fosse o Jogo da Operação, onde um movimento errado colocaria tudo a perder. O aparelho estava quase livre das mãos inertes da VP, quando de repente:

TOC! TOC! TOC!

Tássia pulou de susto, virando-se em direção à porta e fazendo o celular saltar da mão da mulher e da sua, quicando na mesa e espatifando-se no chão.

Sem saber com o que se preocupar primeiro, olhou para a porta, depois de volta para a mesa. A mulher continuava imóvel, então Tássia abaixou a cabeça debaixo da mesa para procurar o celular, encontrando partes dele — bateria de um lado, aparelho do outro — sobre uma enorme poça de sangue. Olhou para cima e viu a VP por outro ângulo, compreendendo por que ela não se mexia. Seu pescoço

e tórax tinham terríveis lacerações, de onde sangue escorria por todo seu corpo e encharcava o carpete do chão com o líquido escuro.

— Ei! — uma voz masculina chamou do lado de fora — Eu vi você entrando aí. Estamos evacuando o prédio.

Tássia estava congelada olhando para o cadáver da vice-presidente, ignorando o chamado à porta.

— Vamos, madame! — o homem gritou novamente, socando a porta.

Tássia despertou do seu estado de choque, compreendendo que aquela era sua chance de fugir dali. Levantou-se, evitando olhar para a falecida, caminhou até a porta e destrancou-a. Um homem de uns 50 anos e rosto amigável a esperava do lado de fora. Ele olhou por cima do ombro, preocupado, então voltou-se a ela e perguntou:

— Você é a dona Lisa? Me mandaram aqui para buscar os diretores que ainda não saíram.

Colocando o corpo na frente da entrada da sala, Tássia respondeu:

— Sim... eu sou Lisa Travis. *Marketing Vice President*.

— Ufa, pelo menos uma que fala português. Eu sou Jeremias, o zelador. Vamos embora daqui!

— Espera, o que está acontecendo? — Tássia perguntou, mimetizando o sotaque norte-americano da falecida.

— Sei lá, madame! As pessoas tão loucas e atacando umas às outras, parece que tão com o diabo no corpo — o homem suspirou, impaciente. — Escuta, a gente tá em perigo aqui. Tem um monte deles zanzando nos corredores, a gente tem que sair do prédio agora.

Enquanto caminhavam em direção à escadaria, Tássia pensava em como faria para explicar que não era Lisa Travis, “*Marketing Vice President*”, quando saíssem do prédio. *Que se dane! Quando estivermos fora eu não devo satisfação a ninguém. O que importa é sair daqui viva.*

— As escadas lá embaixo não são seguras — Jeremias disse. — Ouvi um monte deles quando estava no décimo quinto andar.

— Mas como vamos sair então? — Tássia quase esqueceu seu falso sotaque, que saiu só na última palavra.

— O elevador de serviço funciona mesmo com o alarme ligado, graças a uma gambiarra que eu fiz com os circuitos. Ele só chega até o 17º andar, lá na escadaria mesmo. Você nunca viu, não?

Tássia balançou a cabeça.

— Melhor não fazer barulho — Jeremias abriu a porta corta-fogo da escadaria e sacou um martelo de seu cinto.

Um som familiar ecoava pela escadaria e chegava aos ouvidos de Tássia. Ela descia os degraus segurando no corrimão, evitando prestar atenção naqueles estalos aquosos e repetitivos, como se alguém estivesse mastigando algo suculento. Evitava lembrar da satisfação de Thiago enquanto mastigava a carne de Yasmin no elevador, quando um grito chamou sua atenção.

Não era um grito de dor ou desespero, tampouco alguma palavra conhecida. Parecia um comando de guerra. Mais duas pessoas se uniram aos berros do primeiro, então passos acelerados começaram a ecoar pela escada, se aproximando.

— Vamos! — gritou Jeremias, se acelerando em direção ao décimo sétimo andar, onde uma pequena porta estava camuflada na parede branca. O zelador deslizou-a para o lado e esperou que ela passasse.

Quando Tássia entrava no pequeno *hall*, vislumbrando a porta metálica de um elevador antiquado, ouviu Jeremias resmungar:

— Demônios...

Três homens de terno e gravata, provavelmente funcionários do departamento jurídico em uma vida anterior, corriam escada acima espumando pelas bocas sujas de sangue.

Jeremias levantou seu martelo e desceu-o impiedosamente no crânio do primeiro infeliz a se aproximar, mas o segundo agarrou-o pela cintura e os dois foram ao chão.

O terceiro, um homenzinho mirrado de 1,60 m não se juntou à luta. Passou por eles e seguiu em direção à Tássia, que apertava repetidamente o botão para chamar o elevador. Por puro reflexo, ela virou-se de frente ao seu atacante e colocou as mãos em seu pescoço, impedindo uma mordida fatal. O homem forçava sua boca contra o rosto de Tássia, empurrando-a contra a porta do elevador que não chegava. Tássia gritava por ajuda enquanto sentia seu hálito quente, com cheiro ferroso de sangue fresco. Todo o corpo daquele maldito exalava ondas febris de calor, e apesar de ser um homem fraco, compensava com ira e excitação por estar tão próximo de seu almoço. Tássia estava cedendo aos poucos, seus olhos se

enchendo de lágrimas ao ver aqueles dentes avermelhados cada vez mais perto de sua face, quando uma pancada seca balançou a cabeça do agressor. Ele imediatamente afrouxou as mãos que a agarravam e caiu para o lado, morto.

Jeremias retirou seu martelo de mais um crânio fraturado e limpou-o na sua calça. O elevador se abriu com um som agudo, indicando a falta de óleo e o excesso de idade daquela geringonça. *Se essa velharia me tirar desse inferno, nada mais importa*, pensou Tássia. Entraram e o zelador apertou o botão do terceiro subsolo.

— Espera, por que não vamos para o térreo? E por que esse elevador tem três garagens? Os outros só vão até a segunda...

— Calma, madame — Jeremias respondeu, sinalizando com as mãos firmes. Aquele homem tinha acabado de lutar contra três infectados e falava com uma calma digna de uma segunda-feira qualquer. — O térreo não é seguro. O terceiro subsolo é o depósito de materiais de limpeza e manutenção. Lá tem uma escadaria que vai direto pra fora do prédio, sem passar pela confusão daqui de dentro.

Tássia suspirou, um pouco aliviada. Ainda não estava a salvo, mas não podia imaginar o que faria sem Jeremias.

— Seu português é muito bom mesmo. Há quanto tempo você disse que mora no Brasil?

Ela fingiu não ouvir a pergunta, olhando fixamente o pequeno painel com números vermelhos decrescentes. 2... 1... 0...

4

Quando a grade enferrujada do elevador se abriu, Tássia sentiu como se estivesse acessando outro prédio, não o lugar onde trabalhava todos os dias. Seu local de trabalho era moderno, com ambientes amplos projetados por algum arquiteto conectado às tendências mundiais corporativas. Muito diferente daquele lugar subterrâneo e claustrofóbico.

O ar quente e úmido envolveu seu corpo assim que ela saiu do elevador. Estava na intersecção de dois corredores que formavam um “T”, e um ruído mecânico zunia tão alto que parecia vir de todos os lados. Sentiu uma mão a empurrar levemente para frente, então ouviu Jeremias gritar por entre o ruído:

— É o gerador — Jeremias avisou, apontando ao redor, indicando o ruído. — A saída fica no final do corredor, virando à esquerda — ele apontava à frente,

fazendo uma curva com a mão como se traçasse o caminho. — É a última porta daquele lado, não tem como errar.

Jeremias esticou a outra mão e lhe entregou uma chave.

— Você... você não vem? — gritou Tássia.

— Preciso procurar mais pessoas. Você vai ficar bem, não tem ninguém aqui.

Enquanto Jeremias fechava a grade do elevador, Tássia o observava em silêncio. Pensava no que dizer para convencê-lo a fugir dali com ela, mas sabia que isso faria dela uma pessoa horrível e covarde. Após um longo silêncio preenchido pelo barulho do gerador, ela disse:

— Boa sorte.

O ruído contínuo abafava o som dos passos de Tássia sobre concreto. Ela seguiu com cuidado pelo caminho indicado pelo zelador, com medo de cada porta fechada que passava, de cada sombra que se projetava nas paredes daquele lugar escuro. *É só uma droga de um depósito, Tássia*, pensava, lutando contra o desespero crescente que a fazia apertar o passo gradualmente. Ela já estava trotando quando chegou ao fim do primeiro corredor, onde parou de uma vez e apoiou-se contra a parede antes da curva, mantendo-se escondida como um policial em um filme de ação, prestes a adentrar um território desconhecido. Inspirou fundo e colocou a cabeça para fora de seu esconderijo, olhando para outro corredor mal iluminado e vazio. Exalou o ar, saindo de trás da parede e seguindo o caminho indicado, quando tropeçou em algo que não tinha visto. Um estrondo metálico ecoou pelos corredores. Tássia fechou os olhos com força, sentindo como se tivesse tropeçado em uma viga e o prédio todo estivesse vindo abaixo. Talvez não seria tão ruim... estaria morta e acabaria com esse pesadelo. Abriu os olhos e viu o estrago. Era só uma vassoura e um balde de metal, mas tinha feito barulho suficiente para avisar qualquer um de que ela estava ali.

Olhou para trás, procurando um sinal de que um daqueles monstros se aproximava, mas a pouca iluminação e o gerador dificultavam que ela identificasse qualquer ameaça. Voltou seu olhar para o fim do corredor e viu a porta que Jeremias tinha indicado. Aquela tinha que ser a saída, já que era a única opção naquele canto. Correu até lá sem se preocupar em ser silenciosa, batendo seu salto contra o concreto e ofegando a cada respiração. Suas mãos tremiam, fazendo com que ela errasse duas vezes o buraco da fechadura. Quando finalmente conseguiu, a chave girou com um estalo. Empurrou a maçaneta para baixo e colocou seu peso contra a porta, projetando-se para o outro lado assim que a abriu, sem ver onde estava entrando.

A primeira sensação ao abrir a porta foi a de estar adentrando ainda mais naquele inferno, ao invés de estar saindo dele. O ambiente era mais escuro e desagradável que o corredor, com uma mescla de odores de suor e ferrugem. Ela não podia ver o que era aquele lugar, mas tinha certeza que não era a saída. Parecia ser um simples depósito, um quarto grande e escuro demais para que ela pudesse enxergar todos os cantos, mas definitivamente não havia uma saída ali. Sentiu a frustração pesar em seus ombros, virando-se de volta para o corredor, quando ouviu um gemido no outro canto do quarto.

Sem ter certeza do que tinha ouvido, mas ao mesmo tempo sem saber se aquilo representava uma ameaça ou um pedido de socorro, Tássia virou-se de frente para a escuridão e continuou recuando até encostar suas costas no batente da porta. Um novo gemido, dessa vez mais enfático, voltou a chamá-la. Tateou a parede sem encontrar um interruptor para acender a luz, mas seus olhos começavam a se adaptar às sombras e Tássia podia ver os contornos de uma mesa do outro lado do quarto. Também viu reluzir uma corrente pendurada no teto sobre a mesa. Havia algo se movendo ali. Se era um dos monstros, por que não a atacava? Um novo gemido, desta vez interrompido por um choramingar descontrolado.

— Quem está aí? — Tássia perguntou.

O choro continuava, intercalado com gemidos ininteligíveis. Aquilo não era um monstro, mas alguém que precisava de ajuda. Tássia hesitou por um segundo, mas não seria capaz de abandonar quem quer que fosse naquela situação. Caminhou até a mesa e puxou a corrente que pendia do teto, acendendo uma luz branca e ofuscante sobre a mesa.

Seus olhos levaram alguns segundos para se ajustar à claridade, mas sua mente levou ainda mais tempo para identificar o que estava à sua frente. Dois olhos fitavam-na sem piscar, saltando para fora de um rosto aterrorizado e desfigurado. Os olhos eram assustadoramente grandes e esféricos, pois não havia pálpebras para cobri-los. O rosto também não tinha lábios, exibindo um sorriso cadavérico perpétuo. Ao gemer novamente, revelou o vazio que preenchia toda a sua boca sem língua. Os seios magros indicavam que aquele corpo pertencera a uma mulher, mas Tássia não sabia o que era aquilo agora. Braços e pernas também haviam sido amputados e cauterizados, deixando ali, sobre a mesa, um ser capaz somente de sentir dor e gemer.

Com os olhos cheios de lágrimas, Tássia passou a mão sobre os cabelos ruivos sobre a mesa. Mesmo desnutrida e desfigurada, aquela garota só podia ser...

— Isa... Isabella? — Tássia gaguejou.

A garota manteve seus enormes olhos fixos em Tássia e chacoalhou a cabeça, confirmando.

— Caso você esteja se perguntando, — disse uma voz masculina atrás de Tássia, fazendo com que ela se virasse em um pulo — essa confusão toda não fazia parte dos planos, mas ainda bem que você resolveu ficar por aqui e participar do meu projeto.

— Que merda é essa, Jeremias? — perguntou Tássia

Jeremias jogou-se contra Tássia, agarrando seus cabelos com uma mão e puxando-a para o lado. Ela segurou seu pulso como pôde, mas ele forçou seu cabelo para baixo, fazendo com que ela jogasse a cabeça para trás e esticasse seu pescoço, onde aplicou uma injeção com a outra mão. Tássia sentiu suas pernas adormecerem e caiu de joelhos aos pés de Jeremias.

— Nossa amiga aqui era só um teste. Um projeto piloto, como vocês executivos dizem — Jeremias falava com seu tom calmo, que agora Tássia percebia que não era simples tranquilidade, mas insanidade. — Eu queria alguém dos andares de cima para implementar meu projeto de verdade. Alguém como a vice-presidente de marketing.

Antes de perder a consciência à mercê daquele psicopata, Tássia olhou para o que restava de Isabella. Toda sua humanidade cirurgicamente mutilada e subtraída. Sentiu o cheiro de urina que subia de suas próprias pernas, desejando estar morta como Lisa Travis.



Ajeito um pedaço de carne em meu garfo e cubro com uma porção de arroz. Não decidi se quero que a carne disfarce o gosto do arroz — com proteína extra, carunchos — ou que o arroz disfarce o sabor da carne de origem questionável. O que importa é não morrer de fome, eu acho.

É engraçado como de repente, no meio de um jantar solitário e desagradável, você se lembra de uma piada que ouviu há anos e começa a rir como um idiota. Acabou de acontecer comigo... e a piada nem era boa.

Em uma viagem à Espanha, o brasileiro vai almoçar em um restaurante e pede a especialidade da casa. Ele come tudo, sem deixar vestígios da deliciosa comida em seu prato, e pergunta ao garçom:

— Amigo, que carne era essa que eu comi?

— *Testículos do touro que morreu ontem na tourada, senhor.*

— *O quê?! — pergunta o brasileiro — Eu comi as bolas do touro?*

— *Sim, senhor. É a nossa tradição e uma grande honra!*

No dia seguinte, emputecido por ter comido as bolas do touro, mas com água na boca sempre que pensava na iguaria, ele volta ao restaurante:

— *Por favor amigo, a especialidade da casa.*

Depois de alguns minutos o garçom traz o prato e, novamente, o brasileiro come com voracidade.

— *Estava uma delícia! — diz ao garçom — Mas desta vez os testículos estavam bem menores.*

— *É verdade, senhor. — concorda o garçom — Nem sempre o toureiro ganha a tourada. Ontem foi dia do touro.*

Dia do touro... João contava as piadas mais babacas, mas eu sempre ria.

Era um bom amigo, o João. Estudávamos na mesma classe da faculdade e morávamos na mesma república. Mesmo num momento desses, lembrar de uma das suas piadas aliviou a tensão. Os últimos meses foram uma bosta para mim, como têm sido para todos, eu acho. Não é possível que haja alguém de bem com a vida depois de toda a desgraça que a Febre Vermelha trouxe para o mundo. Todas as pessoas que eu conheci estão mortas ou se tornaram um deles, os infectados que perambulam pelas ruas atrás de algo para comer, de preferência carne humana.

Maringá, onde eu moro, não era uma metrópole como Curitiba, porém era bem desenvolvida. Tinha uns quatrocentos mil habitantes, universidade de ponta e tudo mais, então quando a coisa começou a ficar feia, os moradores da região se iludiram com a ideia de que uma cidade desse porte estaria melhor preparada para lidar com a crise. Talvez essa lógica funcionasse se estivéssemos sendo assolados por terremotos ou furacões, mas a Febre teve um efeito devastador na capacidade do Estado de fazer alguma coisa, pelo simples fato de que ele funciona através de pessoas. Depois de uma ou duas semanas de epidemia, ninguém mais trabalhava. Independentemente de quão importante fosse sua função, se você não estivesse morto ou infectado, estava cuidando de parentes doentes com a Febre ou simplesmente teria medo demais para sair de casa. Merda! Nem os bombeiros tinham contingente para apagar o fogo que se alastrava por aqui. O mesmo acontecia com a polícia e os hospitais. Tudo foi para o buraco tão rápido que as autoridades não tiveram chance de reagir.

Na última vez que consegui falar com meus pais, eles disseram que iam ficar na capital e que eu devia continuar aqui, pois viajar seria muito arriscado. Alguns dias depois, queria ligar para saber como eles estavam, porém já não havia sinal de operadoras de celular ou telefone fixo. Talvez tenha sido insensibilidade da minha parte, mas as notícias de pessoas morrendo, caos e desespero não eram novidade — apesar das proporções absurdas —, agora ficar sem comunicação com o mundo todo? E esse foi o primeiro baque que me fez perceber a gravidade da situação. Depois disso foi a televisão, *internet*, banho com água quente, *delivery* de pizza... qualquer tipo de conforto me parece agora uma lembrança de outra vida.

Eu morava na república Sete Caras com uns amigos da faculdade. Como o nome deixava bem óbvio, éramos sete estudantes da UEM. Logo no começo da praga, tivemos uma discussão sobre o que deveríamos fazer, já que estávamos longe de nossas famílias e tínhamos mais chances de sobreviver juntos. Meus amigos já estavam de malas prontas e disseram que iam para o sudoeste, tentar cruzar a fronteira do Paraguai ou da Argentina. Era um péssimo plano. Se não tinha nem bombeiro em Maringá, quem dirá frentista de posto de gasolina no meio da BR-369 entre Campo Mourão e Cascavel. Os imbecis ficariam sem combustível na metade do caminho, mas não teve jeito de convencê-los a desistir. Eu e João fomos os únicos a manter a cabeça no lugar e seguir à risca as instruções que o governo passou pela televisão e rádio, quando ainda existiam essas coisas: comprar suprimentos e trancar-se dentro de casa.

Isso funcionou por um bom tempo. Como éramos só dois caras, tínhamos um bom estoque de água e comida. Nossa casa tinha um único acesso à rua, pela porta da frente, e uma porta nos fundos que dava em um pequeno quintal. Foi fácil bloquear as duas portas e criar um refúgio isolado e seguro.

Apesar da segurança, o confinamento é algo perturbador, ainda mais quando se pode ouvir o terror que te espera do lado de fora. Ouvimos os gritos de nossos vizinhos quando os infectados invadiram suas casas. Ouvimos todo o buzinaço nas ruas, durante a fuga em massa dos moradores do bairro. Ouvimos muitas coisas assustadoras, enquanto ficávamos em silêncio e sem nenhuma intenção de sair no meio daquele inferno.

Três meses se passaram e as coisas finalmente pareciam calmas do lado de fora. Fomos forçados a sair, já que estávamos sem água e tínhamos somente algumas barrinhas de cereais para comer.

Apesar de tudo o que tínhamos ouvido nos últimos meses, nada é tão aterrorizante quanto ver o estrago desse maldito vírus na sua cidade. Uma vez conhecida como Cidade Verde, uma das mais arborizadas e com menores índices

de criminalidade do país, Maringá estava irreconhecível. As árvores ainda estavam lá, mas havia carros batidos abandonados pelas ruas, casas e lojas saqueadas, com as fachadas carbonizadas pelos incêndios, e corpos mutilados espalhados por todos os lados. Uma singela amostra do fim dos tempos.

Os malditos infectados ainda estavam lá fora, a maioria deles debilitada demais para nos oferecer qualquer perigo. A fome e desidratação pareciam ter dado cabo do que o governo não conseguiu.

Fomos ao mercado perto de casa, buscar água e comida, mas ele havia sido saqueado. Não encontramos nada ali que poderia ser aproveitado. Tivemos que passar por mais dois mercadinhos de bairro e um boteco, onde tivemos que arrombar uma janela para entrar. Neste último, encontramos alguma coisa que prestasse. Voltamos para casa carregados de sacos de salgadinhos, amendoins e latas de refrigerante.

Meses se passaram desta forma. Fazíamos saques nos mercados, restaurantes e bares da região, estocávamos comida suficiente para alguns dias e voltávamos para casa. Tudo corria bem até que tivemos que procurar mercados mais longe de casa, porque já tínhamos saqueado todo o bairro. Foi aí que as coisas começaram a dar errado.

Na primeira expedição para longe, decidimos ir em direção ao centro, passando pelo Parque do Ingá. Devíamos ter ido pelas ruas menores, mas não encontrávamos um infectado há semanas e ficamos confiantes. Foi nos entornos do parque que encontramos os malditos. Centenas, talvez milhares deles. Olhando de relance, pareciam uma multidão de moradores de rua perambulando sem destino pelo parque, todavia um olhar mais atento revelava a doença. As roupas estavam sujas de sangue seco, urina e fezes, acumuladas desde que se tornaram aqueles monstros. Seus rostos e cabelos também tinham tons de vermelho, vestígios de sangue de suas vítimas, todavia a característica mais aterradora daqueles malditos eram seus olhos. Cada um deles trazia no rosto um par de esferas vermelhas, como demônios de olhos sangrentos condenados a vagar por aquela cidade amaldiçoada.

Logo ficou claro o porquê da aglomeração naquele lugar: Entre as árvores e trilhas do Ingá há um grande lago, que com certeza era uma fonte de água para eles. Meses após o surto inicial, depois que aniquilaram os moradores da região, os malditos ficaram por ali, bebendo água do lago e se alimentando dos mais fracos entre eles, até que algo mais interessante apareceu no cardápio: eu e João.

Fugimos em desespero, sendo seguidos pela multidão de canibais. Conseguimos despistá-los, fazendo um caminho errático entre as ruas do bairro antes de ir para a república. Apesar de evitar que eles nos seguissem até a porta de

casa, fizemos com que os malditos se espalhassem por toda a região, tornando muito mais arriscadas as expedições que teríamos que fazer nas semanas seguintes.

Não demorou a aparecer o primeiro maldito na porta de casa, atraído por algum barulho, cheiro ou sei lá o quê. O filho da puta não ia embora de jeito nenhum e os grunhidos que ele emitia acabariam chamando a atenção de outros. Abri a porta e João deu as boas-vindas ao infeliz com uma martelada na testa. Ele morreu sem dar muito trabalho, então arrastamos seu corpo para dentro da sala e fechamos a porta.

Nós não comíamos nada além de arroz com caruncho há dias. Não lembro de quem foi a ideia, só sei que a alternativa era morrer de fome. Eu disse “par” e João disse “impar”, eu estiquei dois dedos e João esticou um. Perdi. Fui até a cozinha e vesti as luvas de borracha amarelas que ficavam embaixo da pia, então peguei a maior faca que pude achar. Nunca fui um bom churrasqueiro, mas imaginei que a coxa seria a carne mais fácil de remover do osso. João já tinha erguido a bermuda do defunto e passado um pano úmido para tirar o grosso da sujeira, então comecei a cortar.

Foi mais fácil do que eu esperava. Tirei a pele e fatiei dois grossos bifés da coxa do defunto. Colocamos as fatias de carne na frigideira por um bom tempo, para esterilizar o máximo possível, então comemos com arroz. Não estava tão ruim. *A fome é o melhor tempero*, minha mãe sempre dizia.

Decidimos que não faríamos expedições para buscar suprimentos por um bom tempo. Ainda tínhamos bastante água e refrigerantes. Todos os dias aparecia pelo menos um otário na frente de casa, eu abria a porta e João o abatia, como um porco no chiqueiro. Assim não tínhamos preocupação em saber se a carne estava apodrecendo, sempre havia carne fresca.

Sobrevivemos desse jeito por quase uma semana, até que apareceram três infectados de uma só vez na porta de casa. Eu e João estávamos com a autoconfiança nas nuvens e decidimos enfrentar os três. Ele armado com seu martelo e eu com a faca de cozinha, seguiríamos a mesma estratégia de sempre: eu abriria a porta e ele os abateria um a um.

Foi um desastre. O primeiro que entrou na sala foi abatido pelo martelo, mas o segundo foi rápido demais para meu amigo e lançou-se sobre ele. Os dois foram ao chão, enquanto eu continuava atrás da porta, numa tentativa inútil de fechá-la. O terceiro infectado foi mais forte que eu e também entrou, juntando-se aos dois no chão. Pulei sobre o último dos invasores, fincando a faca de cozinha na parte de trás de seu crânio, matando-o instantaneamente. Rolei seu corpo para o lado e ataquei o maldito que ainda estava sobre João, cravando a lâmina afiada em suas

costas. Senti a lâmina deslizando para dentro do coração do infeliz, enquanto ele emitia seu último suspiro.

Limpei a faca na calça do cadáver e ajudei João a se levantar. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, ouvimos passos arrastados e respirações ofegantes às nossas costas. Dois infectados tinham entrado pela porta, enquanto sei lá quantos estavam do lado de fora, prestes a entrar. Corremos até a cozinha, sendo perseguidos pelos malditos.

Fechamos a porta e derrubamos a geladeira na frente dela, bloqueando a passagem. Mesmo encurralados, estávamos seguros ali. Foi então que percebi o ferimento de mordida no braço de João. Ele sentou-se à mesa no centro da cozinha e começou a chorar.

Merda, o que eu poderia ter feito? Ouvi dizer que essa desgraça se propaga até pelo ar. Não podia ficar ali trancado com ele enquanto a doença tornava-o em um daqueles filhos da puta, correndo o risco de me contagiar também.

Sem que ele percebesse, peguei uma frigideira de ferro que um dos meus antigos colegas da república tinha deixado no armário embaixo da pia. Nunca soube para quê ter uma panela tão pesada, mas ela acabou sendo útil. Sem que João pudesse me ver, cheguei por trás dele com a frigideira erguida e bati com toda minha força em sua cabeça. Ele apagou na hora. Com a faca de cozinha, perfurei seu coração e senti o momento em que parou de bater.

Enquanto como um pedaço da coxa do João, acompanhado de arroz e carunchos, compreendo que ontem foi o dia do touro para ele. Preso aqui, com os malditos batendo à porta e urrando de raiva, sei que não vai demorar para chegar a minha vez.



Sentado em uma poltrona de avião em Guarulhos, Cabo Silveira sentia a camisa molhada grudar às suas costas. Sabia que não podia bancar uma viagem de primeira classe, mas essa via crucis de pegar um ônibus de Praia Grande para Santos, depois outro para Guarulhos para então voar até Recife, tinha sido pão durice demais. *Por que não peguei o voo de Congonhas, cacete?* Suado, cansado e com uma dor pungente atrás dos olhos, Silveira estava pronto para repousar sua cabeça no encosto da poltrona e dormir antes mesmo da aeronave decolar, mas

seus planos foram interrompidos por uma senhorinha de uns 60 anos de idade, que parou no corredor ao seu lado.

— O lugar tá livre, fio?

Após cogitar por um segundo a possibilidade de responder “não” e ficar com todos os assentos para si, sua educação e civilidade superaram seu mau humor, então respondeu:

— Sim, senhora.

— Obrigado, fio. Tu me ajuda com a mala? — a senhora perguntou, com forte sotaque pernambucano, enquanto apontava com uma mão para a bagagem e a outra apoiava sua coluna.

Levantou-se de imediato e prestou assistência. Seu corpo também doía, mas nunca negaria um pedido desses.

— Tu é muito educadinho, me chamando de senhora. Pode me chamar de Josefa.

À contragosto, acenou com a cabeça, respondendo:

— Silveira.

— Isso é sobrenome... Tu é dos *homi*, é? — disse Josefa, rindo.

— Sim, senhora... Josefa.

— Meu sobrinho também é! Dá pra saber só pelo jeito que cês falam.

Ela prosseguiu tagarelando sobre seu sobrinho, além de opinar sobre como aquela profissão era perigosa e que ela valorizava muito o trabalho deles.

Claro que a senhorinha mais tagarela da porra do aeroporto internacional de Guarulhos ia sentar do meu lado hoje, pensava Silveira. Dia dos infernos.

— Eu te conheço de algum lugar...

— Senhora, estou cansado.

— Apareceste na tevê esses dias, foi? Sim! Era tu no navio em Santos, não era?

— Praia Grande.

— Isso, lá em Santos. Que horror que foi aquele acidente, homem. É verdade que o piloto estava morto lá dentro?

Mesmo debilitado pelo sono, dores e recentes abusos de sua paciência, Silveira repetiu o que foi instruído por seu capitão da Polícia:

— Ninguém que estava em terra se feriu. Sobre o navio, não posso falar nada enquanto estiverem investigando, dona Josefa.

— Mesmo assim, dá uma dó de ver aquele bichão lá encalhado nas pedras. Tanto dinheiro jogado fora...

— Dona Josefa, eu preciso dormir um pouco.

— Claro, fio. Vou ficar quietinha aqui.

Mas era tarde demais, o policial já tinha perdido o sono. Só de lembrar daquele maldito navio e toda a tripulação morta... Não era algo fácil de esquecer, mas tinha sido pior para o Sargento Vélez, que estava com ele quando prestaram socorro e entraram no cargueiro. Foi Vélez quem encontrou o lunático que matou aquelas pessoas. O maldito os teria matado também, se Vélez não tivesse puxado o gatilho.

Sua distração agora era pensar sobre a novidade que seu irmão tinha para lhe contar. Breno dissera ao telefone: “Temos uma surpresa para você, mas só vamos contar pessoalmente”. Esse não era um enigma desafiador. Ele e sua esposa estavam tentando ter filhos há mais de três anos. *Breno deve ter acertado a pontaria*, pensou. Se tivesse um sobrinho ou sobrinha à caminho, seria uma boa hora para tentar ser realocado para o batalhão de Recife e ficar mais próximo de sua família.

Quando finalmente adormeceu, sonhou com a praia. Foi um sonho inquieto, com o calor vindo de todas as direções — sol, areia e mar — em uma intensidade desagradável. Acordou de seu sono febril durante a aterrissagem do avião.

Era dia 27 de dezembro e todos queriam aproveitar o verão no Nordeste, formando filas em todos os cantos do Aeroporto de Guararapes. Silveira cogitou ir a um hospital para tomar uma injeção ou qualquer coisa para sentir-se melhor, mas imaginou que a situação lá estaria pior que no aeroporto. Além do mais, queria chegar logo à praia. Foi até uma farmácia e comprou doses cavalares de antipiréticos, analgésicos e expectorantes antes de alugar um carro e seguir viagem.

Pouco mais de uma hora depois, estacionou o carro ao lado do chalé, uma casinha simples sobre a areia de uma praia deserta em Maragogi, a poucos metros do mar ridiculamente azul. Viu Breno sair da água, secando-se ao sol enquanto caminhava em sua direção. *Um pouco de vitamina D vai me fazer bem*. Desceu do carro e caminhou pela areia, onde seu irmão o abraçou com uma força que parecia capaz de partir sua espinha ao meio.

— Não precisa me revistar. Minha arma ficou na mala. — brincou Silveira.

— Você tá com uma cara horrível, irmãozinho. Tá tudo bem?

— Tô um pouco gripado, sei lá.

— Logo tu, Lucas?! — disse Breno, chamando-o por seu “nome de férias” enquanto ria. — Bela hora pra ficar doente, hem?

— Pois é... mas amanhã estarei melhor. Qual é a novidade que você não quis dizer por telefone?

— Isso a Paty vai te mostrar. — disse Breno, sorrindo.

Mesmo adivinhando a novidade, Lucas ficou surpreso ao ver sua cunhada com uma barriga tão enorme. A alegria de saber que tinha um sobrinho a caminho foi tanta que ele quase correu para abraçá-la, se esquecendo de seu estado deplorável e

possivelmente pestilento. Ao perceber o erro que isso seria, manteve a distância e comentou:

— Que boa notícia! Queria muito abraçar os três, mas é melhor ficar em quarentena até amanhã. Há, há!

— Você não quer que te leve num médico? — perguntou Breno.

— Não precisa, irmão. Passei na farmácia do aeroporto — disse Lucas, enxugando a testa com um lenço branco que trazia no bolso. — E aí, qual vai ser o nome do moleque?

Os três riram enquanto Breno e Paty discutiam suas preferências entre ter um menino ou uma menina. Lucas forçou-se a ficar com eles por um tempo, lutando contra a náusea que o deixava prestes a vomitar a qualquer momento. Quando o assunto se encerrou, Lucas foi para seu quarto, tomou doses cavalares de antipirético, analgésico e expectorante e dormiu, ainda vestindo as roupas da viagem.

2

Apesar do cansaço do quarto mês de gravidez, Paty estava com o sono leve. Ela e Breno moravam em uma avenida movimentada de Recife e seu sono era condicionado ao som dos ônibus, buzinas e alarmes de carros à sua janela. O vácuo sonoro daquele chalé era preenchido somente pelo som das ondas e das folhas de coqueiro. Tudo monótono e repetitivo demais para ela, acostumada a melodia caótica da cidade.

Quando começava a cochilar, um baque surdo em outro canto da casa a despertou por completo. *Quê foi isso?* A melhor suposição que pôde fazer era que seu cunhado tinha caído da cama, delirando de febre.

— Mô — chamou, tocando o ombro de seu marido.

— Hã?

— Mô, vai ver seu irmão? Ouvi um barulho no quarto dele.

— Deixa ele dormir...

TUM!

— Quê isso, mô? Vai lá ver se ele tá bem.

— Tá bom, tá bom.

Paty cobriu-se com o lençol. Manteve suas costas coladas no colchão e cabeça ajeitada no travesseiro, na esperança de que imobilidade e concentração lhe garantiriam audição super-humana. Ouviu seu marido abrir a porta do quarto ao lado e dizer:

— Irmãozinho?

Seu marido entrou no quarto de Lucas e tudo o que ela podia ouvir por trás das paredes eram murmúrios abafados. Conformando-se com a mediocridade de sua

capacidade auditiva, ela estava quase voltando a dormir quando Breno gritou:

— Que porra é essa?! Lucas! Aargh!!!

Assustada, Paty levantou-se o mais rápido que pôde, levando seus quilos extras para fora da cama. O grito de dor se estendia, fazendo seus pelos do braço arrepiarem. Nunca tinha ouvido seu marido gritar de dor, nem quando ele quebrou o dedo na porta do carro uns anos atrás. Apressou-se ao corredor e seguiu os berros até o outro quarto.

Paty permaneceu estancada à porta aberta por sabe-se lá quanto tempo. Seu marido estava caído de barriga para cima, com seu irmão sobre ele, mordendo seu antebraço. Mordendo, o que não fazia nenhum sentido para ela. Seus rosnados se misturavam aos gritos de Breno, enquanto ele insistia em mastigar sua presa. Cada tentativa de afastá-lo era contragolpeada com um soco, e seus dentes cravavam-se ainda mais nos músculos da vítima. Sangue e saliva fluíam pelas feridas abertas, entrando nos olhos e boca de Breno.

Tivesse aquilo acontecido alguns meses antes, ela não hesitaria em pular sobre os dois e apartar aquela briga absurda. Daria sua vida por Breno, mas estaria disposta a arriscar sua cria?

— Paty, não! — Breno gritou, cuspiendo o sangue que encharcava seu rosto. — Sai e fecha a porta!

Ela não podia deixar aquilo acontecer. Não importava que diabo possuía o corpo de seu cunhado, o enfrentariam juntos. Deu dois passos para dentro do quarto e começou a procurar por algo que pudesse usar como arma enquanto Breno lutava para manter a boca de seu irmão longe do seu rosto e pescoço.

— Paty, a arma — disse, apontando para a mala fechada no canto do quarto. — Pega a arma dele!

Ela se jogou de joelhos no chão e abriu a mala, espalhando roupas pelo quarto até encontrar uma caixa cinza. Lá dentro estava o revólver calibre 38. Nunca tinha segurado uma arma antes, mas quão difícil podia ser? Apontou a mira para seu cunhado e gritou:

— Para, Lucas! Por favor...

Lucas olhou para ela, rosnando como um bicho, então Paty apertou o gatilho, que mal se moveu. O mecanismo era mais duro que ela imaginava. Ao aumentar a força aplicada com seu dedo indicador, fez a arma chacoalhar em sua mão. Um tiro agora teria tantas chances de atingir seu próprio marido quanto o maldito do seu cunhado.

Antes que Lucas aproveitasse a demora de Paty, Breno soltou sua mão esquerda e socou sua orelha. Foi fraco demais para causar qualquer estrago, mas o suficiente para desviar sua atenção. Foi então que Paty lembrou-se de puxar o cão do revólver, engatilhando-o. Apontou a mira novamente e, com um leve aperto no

gatilho, fez estourar o tiro de 38 no tambor da arma. Sangue, fragmentos de ossos e miolos projetaram-se sobre a cama e pela parede. Lucas caiu ao lado de seu irmão e ficou ali, com movimentos espasmódicos em suas pernas e braços até parar por completo, morto.

3

— *Atenção, QSV 37* — disse a voz no rádio. — *QSV 37?*

— QAP. Aqui é QSV 37.

— *QSV 37, temos um possível 121 na zona A29.*

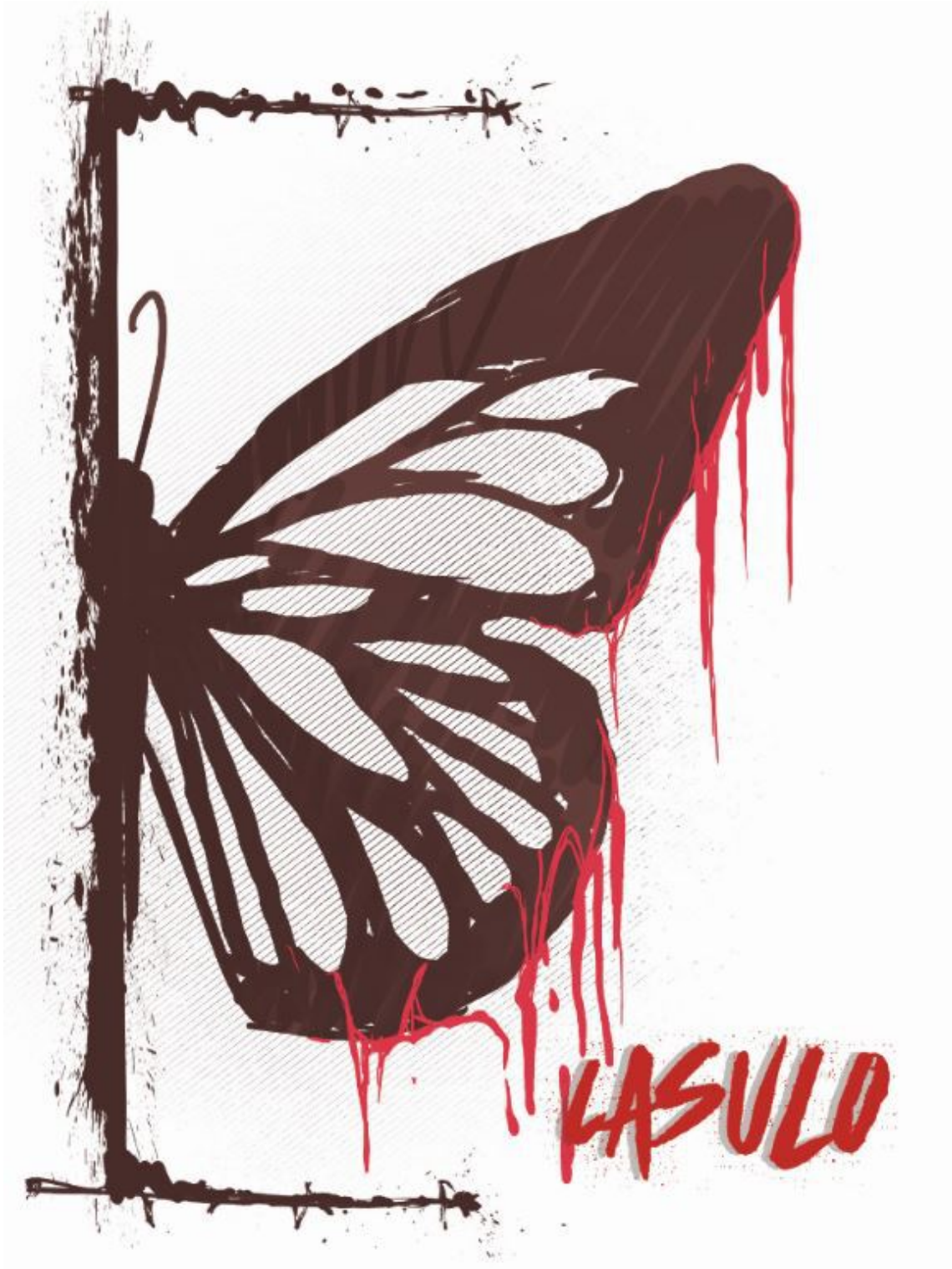
— QSL Estou a caminho.

Quando os policiais da viatura 37 chegaram ao local, o sol já irradiava as ondas e o chalé à beira do mar. Eles eram responsáveis pela região de Maragogi e Barra Grande. Naquela época do ano, a criminalidade triplicava — mais turistas, mais ocorrências —, enquanto o efetivo policial mantinha-se parco.

Segundo a central, já havia se passado mais de quatro horas desde a ligação da vítima, senhora Patrícia Alves Silveira, alegando que seu cunhado tinha enlouquecido e tentado matar seu marido. A senhora também esclareceu que reagiu à agressão e matou o cunhado com um tiro na cabeça, mas seu marido estava ferido. Pobre coitado... Pelo jeito a ambulância também estava atrasada. Os socorristas também estavam sobrecarregados.

Na varanda do chalé, manchas de sangue tingiam os tacos do chão em pequenas pegadas vermelhas, indicando que alguém tinha saído em direção à praia. A porta da frente estava aberta. Ao entrar por ela, os policiais encontraram um corpo estendido no sofá da sala. A face do cadáver, desprovida de pele e carne, exibia seu sorriso cadavérico aos visitantes. Sua camisola ensopada de sangue indicava que era uma mulher. A protuberância em sua barriga indicava que estava grávida.

Os policiais identificaram que a primeira vítima encontrada era Patrícia Alves Silveira, única mulher hospedada no chalé e responsável pela ligação ao 190. Também encontraram Lucas Silveira, Cabo da Polícia Militar do Estado de São Paulo, assassinado com um tiro na cabeça em um dos quartos. Breno Silveira não foi encontrado. Ele está foragido e é tido como principal suspeito pelos assassinatos em Maragogi.



Estico o braço e alcanço o celular sobre o criado mudo. A luz da tela brilha com intensidade irritante, mostrando as horas: 7:32 AM. “Merda” é a primeira palavra a sair da minha boca. Estou atrasada demais para ir ao estágio de ônibus fretado, que já deve ter passado na esquina de casa há uns cinco minutos.

Só de pensar no trampo que seria ir de transporte público, ou na grana que gastaria indo de táxi, minha vontade é de voltar para a cama. Matar um dia de estágio é uma ideia tentadora. Uma desculpa bem dada — intoxicação alimentar, gripe ou simplesmente problemas pessoais — poderia me livrar do meu chefe, mas minha mãe me mataria se me pegasse fazendo isso de novo.

Me arrasto até a janela e vejo o céu azul e sem nuvens. A solução estava bem na minha frente. Num dia desses, por que eu ficaria em casa? Posso ir de *bike* até a *facul* e passar o dia por lá. Parece um bom plano.

Ligo para meu chefe, fazendo minha melhor voz de gripe.

— Bom dia, seu *Felibe*.

— Oi Júlia. Que voz estranha. Está tudo bem?

— Estou um *bouco gribada*. Acho que *dão* consigo ir para a empresa hoje.

— Claro, sem problemas... é melhor você se cuidar.

— Obrigado, seu *Felibe*.

— Imagina... mas parece que tem uma epidemia por aí, garota. Vá ao médico, ok?

Desligo o telefone e visto uma roupa confortável para pedalar. Enquanto me apresso em direção à porta, minha mãe toma café na cozinha. Saio de casa antes que ela tenha qualquer chance de descobrir o que estou fazendo.

Distraída ouvindo Muse enquanto pedalo, demoro a perceber o trânsito horrível. Minha mãe sempre encheu o saco para eu não ouvir música enquanto ando de bicicleta, mas isso nunca me causou problemas. Com os carros parados e desligados no meio da Avenida Consolação, tiro os fones dos ouvidos e tento compreender o que está acontecendo, sem parar de pedalar.

Mais à frente, uma confusão em volta de um carro. Merda, parece um assalto... Um casal se protege dentro do veículo enquanto os bandidos socam as janelas de forma tão brutal e desorganizada que é estranho. Em Sampa o crime é profissional, esses caras são uns animais.

Um dos bandidos estoura a janela e se joga para o lado de dentro.

— Ei! — grito, olhando para os motoristas dos carros estacionados — Alguém, ajude!

Os covardes dos outros carros estão quase tão amedrontados quanto os dois sendo atacados. O maldito que pulou dentro do carro está mordendo a mulher no banco de passageiro... rasgando o pescoço dela enquanto outro ataca o motorista pela janela. Animais!

— Já chamei a polícia! — grito, mostrando o celular numa tentativa inútil de intimidar os agressores, que entram um a um no veículo.

Digito 190 e aguardo alguns segundos, que parecem minutos. Um dos malditos que ainda não entraram no carro está olhando para mim com os olhos mais vermelhos que já vi. Parece até que estão sangrando, deve ser alguma droga que deixou esses caras assim. A voz de uma mulher no celular me diz que todas as linhas emergenciais estão ocupadas, mas que minha ligação é muito importante. Eu sei que é importante. É importante pra cacete, mas o maldito que me encarava

começou a andar em minha direção e sinto algo que não sentia desde criança: frio na espinha.

Desde que cresci e parei de acreditar em bicho papão, nunca mais senti medo o suficiente para ter uma reação física tão intensa. Mas agora o monstro está de volta, espumando pela boca enquanto caminha em minha direção. Assim que minhas pernas descongelam, coloco os pés nos pedais e disparo pela ciclovia, passando a alguns metros do casal sendo dilacerado dentro de seu próprio carro. Não olho para trás, mas tenho certeza que o maldito continua me seguindo. Posso sentir seus olhos ensanguentados fixados em minha nuca, querendo sabe-se lá o que comigo.

Não consigo parar de pensar naquela mulher sendo mordida, tendo sua carne rasgada. Tanto sangue... tanta dor... o que aquele filho da puta tem na cabeça?! Que droga deixa alguém capaz de uma merda dessas?

Viro à direita na primeira esquina. O estacionamento fica logo ao final da quadra e os malditos não me seguem mais, então posso respirar aliviada.

Não vejo Seu Alcides na guarita enquanto entro com a *bike*. Ele é um tiozinho super gente boa, que deixa alguns alunos da *facul* parar as *bikes* de graça no estacionamento. Estranho ele não estar ali nesse horário.

Levo a bicicleta ao mesmo canto de sempre, ao lado do banheiro improvisado no outro lado do estacionamento. Encaixo a roda de trás no suporte de bicicletas preso ao chão. Com as mãos tremendo, tenho dificuldades para fechar o cadeado. Meus olhos se enchem de lágrimas, algo que me impressiono por não ter acontecido antes. Respiro fundo e penso no que fazer a seguir, quando noto com o canto do olho que a porta do banheiro está entreaberta.

A silhueta de alguém caído lá dentro faz meu coração disparar. Pelo uniforme de trabalho, é Seu Alcides. Caminho até a porta, com medo do que pode ter acontecido com ele. Quando abro a porta, ele se mexe, tentando colocar-se de pé.

— Seu Alcides, o senhor está bem?

À luz da porta aberta, vejo uma farta mancha de sangue em seu ombro e percebo que ele está rosnando, como um cão acuado. Imediatamente me afasto, com o frio agora habitando minha barriga. O senhorzinho que costumava ser tão simpático comigo está agora me encarando com seus olhos vermelhos. Penso em dizer algo para tentar acalmá-lo, mas as palavras se perdem entre o cérebro e a boca. Recuo sem virar as costas, mas meu movimento é o suficiente para que ele avance em minha direção.

Agindo por instinto, me viro e começo a correr. Seu Alcides esbarra na porta do banheiro e atrasa sua investida. Passo correndo pela bicicleta, sem tempo para destravar o cadeado e fugir com ela.

O estacionamento é grande pra cacete, mas cruzo os cem metros mais rápida que o *Usain Bolt*. É impressionante o quão rápida você fica quando Seu Alcides

está rugindo e correndo atrás de ti, como um urso cinzento.

Quase chegando à calçada, minha sorte parece acabar de vez. Mais demônios de olhos vermelhos, pelo menos uma dúzia deles, estão casualmente passando pela rua, procurando sua próxima presa: eu.

Eles correm para dentro do estacionamento, me encurralando. No meio do desespero, vejo a guarita com a porta aberta e a chave na fechadura. Corro para dentro e tranco a porta antes que eles me alcancem.



Estico o braço e alcanço o celular sobre o criado mudo. A luz da tela brilha com intensidade irritante, mostrando as horas: 7:32 AM. “Merda” é a primeira palavra a sair da minha boca. Estou atrasada demais para ir ao estágio de ônibus fretado, que já deve ter passado na esquina de casa há uns cinco minutos.

Paciência. Me arrasto para fora da cama e percebo o som da chuva lá fora. Dizem que o bater de asas de uma borboleta do outro lado do mundo pode causar um tufão e mudar o rumo das coisas por aqui. Teoria do caos, efeito borboleta. Deve ter sido uma borboletinha fajuta, porque essa chuva só serve para molhar o asfalto. De qualquer forma, o caos está garantido. São Paulo trava quando chove. O jeito é pegar um Uber até o estágio. Custa quase o que eu ganho por dia, mas fazer o quê? Se for de transporte público eu chego quase na hora do almoço e se eu ficar em casa com a minha mãe a gente vai acabar se matando. Me preparo para sair enquanto peço o carro pelo celular.

Pelo barulho, minha mãe está tomando café na cozinha. Saio de casa antes que ela possa dizer algo. Nem lembro porquê estamos brigadas, mas fazer as pazes é um porre.

O motorista está me esperando na frente do prédio quando passo pela portaria. Sento no banco de trás e digo o endereço do escritório. O rádio está sintonizado em algum canal sensacionalista, falando sobre uma epidemia em Santos. São oito e pouco da manhã e já querem me fazer ouvir um sujeito metendo o pau no governo, dizendo que não estão tomando as devidas providências e blá, blá, blá? Não sou obrigada. Coloco meus fones e seleciono minha *playlist* para dias chuvosos. Com esse clima e o som de Oasis, a vontade de voltar para o meu pijama só cresce. Sempre faço isso quando chove, por mais que seja torturante não poder voltar para debaixo do edredom. Eu devo ter algum problema.

Quando me dou conta, já faz quase uma hora que estou no carro e não chegamos à metade do caminho. O motorista está parado há tanto tempo que decide desligar o motor e tirar o cinto de segurança.

— O que houve? — pergunto, interrompendo a voz de Liam Gallagher em meus ouvidos.

— A cidade está travada hoje. Tem algo a ver com o pessoal que está subindo de Santos, por causa dessa doença aí. — ele responde, apontando para o rádio.

— Doença?

— É, parece que teve um surto... Febre Vermelha, eles estão dizendo. A coisa está feia.

— Que droga... — Resmungo — não podia chegar atrasada hoje.

Pego meu celular e digito a senha para destravá-lo. Preciso avisar meu chefe. Quando começo a digitar a mensagem, uma pancada estilhaça a janela do motorista, espalhando vidro dentro do carro.

— Ei! — ele grita, quando é agarrado por dois braços musculosos e puxado para fora do carro.

Eu penso em agarrar as pernas dele, para segurá-lo dentro do carro, mas tudo acontece rápido demais e a única coisa que consigo fazer é assisti-lo sumir pela janela do carro. Fico ali, grudada ao banco de couro enquanto algo muito ruim está acontecendo com meu motorista lá fora, caído no asfalto com três homens debruçados sobre ele. Me aproximo da janela e os malditos parecem estar... mordendo ele!? Eles estão comendo o cara vivo! Que merda é essa?!

Meu grito de pavor deve ter irritado ainda mais esses malucos, porque um deles se levanta e começa a tentar arrebentar minha janela. Com medo de ser a próxima a ser devorada, me arrasto para o outro lado do banco. Preciso fazer alguma coisa! Antes que ele consiga entrar no carro, abro a porta atrás de mim, saio e começo a correr.

Depois de passar pelos carros parados na rua e subir na calçada, olho para trás e vejo que dois homens estão me seguindo. Com seus movimentos descoordenados e olhos vermelhos, parece que eles fumaram o maior baseado do mundo esta manhã. Eu diria que eles realmente tinham fumado algo, se não fosse pela determinação e hostilidade com que eles me perseguem, como se estivessem possuídos por uma sede de sangue incontrolável.

Continuo correndo e eles ficam para trás, sem parar de me seguir. Começo a ficar cansada. Odeio correr. Se tivesse uma bicicleta, podia fugir desses malditos por horas, mas a pé eu não presto. Vejo um posto de gasolina logo à frente — um bom lugar para pedir ajuda — e sigo em sua direção.

Chegando ao posto, nenhum funcionário está cuidando das bombas de gasolina. Que sorte a minha. Com os malditos uns 30 metros atrás, mas ainda em meu encalço, corro até a lojinha de conveniência. A porta de vidro fosco desliza automaticamente para o lado, revelando no interior da loja uma cena dantesca de carnificina. Três homens e duas mulheres, claramente afetados pela maluquice que

está tornando todos em assassinos canibais, se alimentam das partes de três funcionários do posto. Quero dizer, só contei duas cabeças, mas tantas entranhas não podem pertencer somente a duas pessoas. Preciso sair daqui antes que eles me vejam.

Os malditos estão quase me alcançando. Não vou conseguir correr por muito tempo, então procuro algum lugar para me esconder. Na lateral do posto há uma porta aberta, um banheiro. Corro até lá e tranco a porta antes que eles me alcancem.



Estico o braço e alcanço o celular sobre o criado mudo. A luz da tela brilha com intensidade irritante, mostrando as horas: 7:02 AM. Minha mãe está batendo insistentemente na porta do quarto. Já acordei, inferno.

— Você vai se atrasar, Júlia.

— Tá bom, mãe. Tô indo.

Morar com a mãe depois dos 18 anos de idade não é fácil. Eu tenho 21 e brigo com ela quase toda semana, quase sempre por motivos fúteis. Mas uma coisa eu tenho que reconhecer, ela merece um prêmio pela resiliência e dedicação. Ontem teve o maior quebra pau aqui em casa, porque me atrasei para o trabalho e ela falou algo que não gostei de ouvir. E hoje ela vem me acordar para ir ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

Depois de me arrumar, passo na cozinha, dou um beijo de bom dia em minha mãe e vou embora.

Chego ao ponto do fretado bem a tempo. Assim que entro no ônibus, o motorista fecha a porta atrás de mim e diz algo. Acho que era sobre o trânsito, não tenho certeza. Sem pausar a música ou tirar os fones de ouvido, resmungo “É...”, esboçando um sorriso semi simpático, então sigo para meu lugar favorito, nos fundos do ônibus.

Quando sento na frente sempre chega alguém que me conhece de algum lugar e me força tirar os fones, interrompendo o álbum acústico do Nirvana, para ouvir o clássico “Oi, sumida! Como vai a vida?”. Hoje eu não corro esse risco. Estou deitada confortavelmente com a cabeça encostada na janela, corpo esticado sobre os dois bancos no fundão, perto do banheiro, e pés balançando no meio do corredor. Fico nessa posição por uns 40 minutos, até que percebo que não andamos nem dois quilômetros desde que embarquei. Sento na poltrona para olhar pela janela e vejo o trânsito absolutamente parado. O que mais chama a minha atenção são alguns carros parados com as portas abertas, abandonados. Que merda deu na cabeça deles para largarem seus carros assim?

Tiro meus fones dos ouvidos e levanto da poltrona, tentando descobrir o que está acontecendo. As pessoas que estão mais à frente no ônibus olham pela janela, parecendo tão perdidos quanto eu. Chegando mais perto, ouço dois rapazes discutindo:

— Tô falando, cara. É essa epidemia que estão falando na net.

— Febre Vermelha? Nunca ouvi falar disso, cara.

Febre Vermelha. Epidemia. Nunca vi trânsito por causa de uma doença. Se tivesse uma epidemia deixando as pessoas com febre, elas não ficariam em casa ou no hospital, deixando o trânsito livre? Esses caras adoram uma polêmica... deve ser só algum acidente.

Ouçó uma gritaria na frente do ônibus, na cabine do motorista. Um monte de gente de pé no corredor bloqueia minha visão. Tenho motivos o suficiente para me preocupar e recuar para o fundo novamente.

O motorista está gritando com um bando que invadiu o fretado, mas suas palavras logo se transformam em gritos de dor. Alguns dos passageiros da parte da frente do ônibus se envolvem na confusão, se engalfinhando com os invasores como se estivessem em uma luta de UFC. Isso é ridículo! O que esses caras querem entrando no ônibus desse jeito? Um deles está mordendo a orelha do motorista como um animal! Já são mais de dez deles dentro do ônibus, se atracando com os passageiros nas primeiras poltronas. Merda, eu não tenho para onde fugir.

Os caras que discutiam sobre a tal epidemia parecem ler meus pensamentos e puxam a alavanca vermelha da parede, destravando a janela de emergência. Eu não tinha a menor ideia de como essas travas funcionavam, mas ainda bem que alguém prestou atenção nas instruções de segurança. Com um leve empurrão, a janela cai no asfalto do lado de fora, se estilhaçando no chão. Eu não olhava para fora do fretado desde que os malditos começaram a entrar pela frente, mas agora percebi que eles estão cercando todo o ônibus. O barulho da janela caindo parece atraí-los, fazendo com que vários deles corram em direção aos rapazes que pularam do ônibus.

Não consigo descrever o que aconteceu com os dois. Deve ter mais de 20 desses canibais aglomerando sobre eles agora, brigando por um pedaço de seus corpos. O que eu vou fazer? Tem uma saída de emergência no teto, mas não sei como alcançá-la. Se conseguisse, que diabos eu ia fazer lá em cima?

Não há mais tempo para pensar. Sou a última da fila para ser devorada pelos malditos. A horda não para de entrar no ônibus e devorar todos pelo caminho. Recuo até o fundo do ônibus, esbarrando na porta do banheiro. É a única alternativa. Estar encurralada lá dentro é melhor que aqui, indefesa.

Entro no banheiro e tranco a porta antes que eles me alcancem.

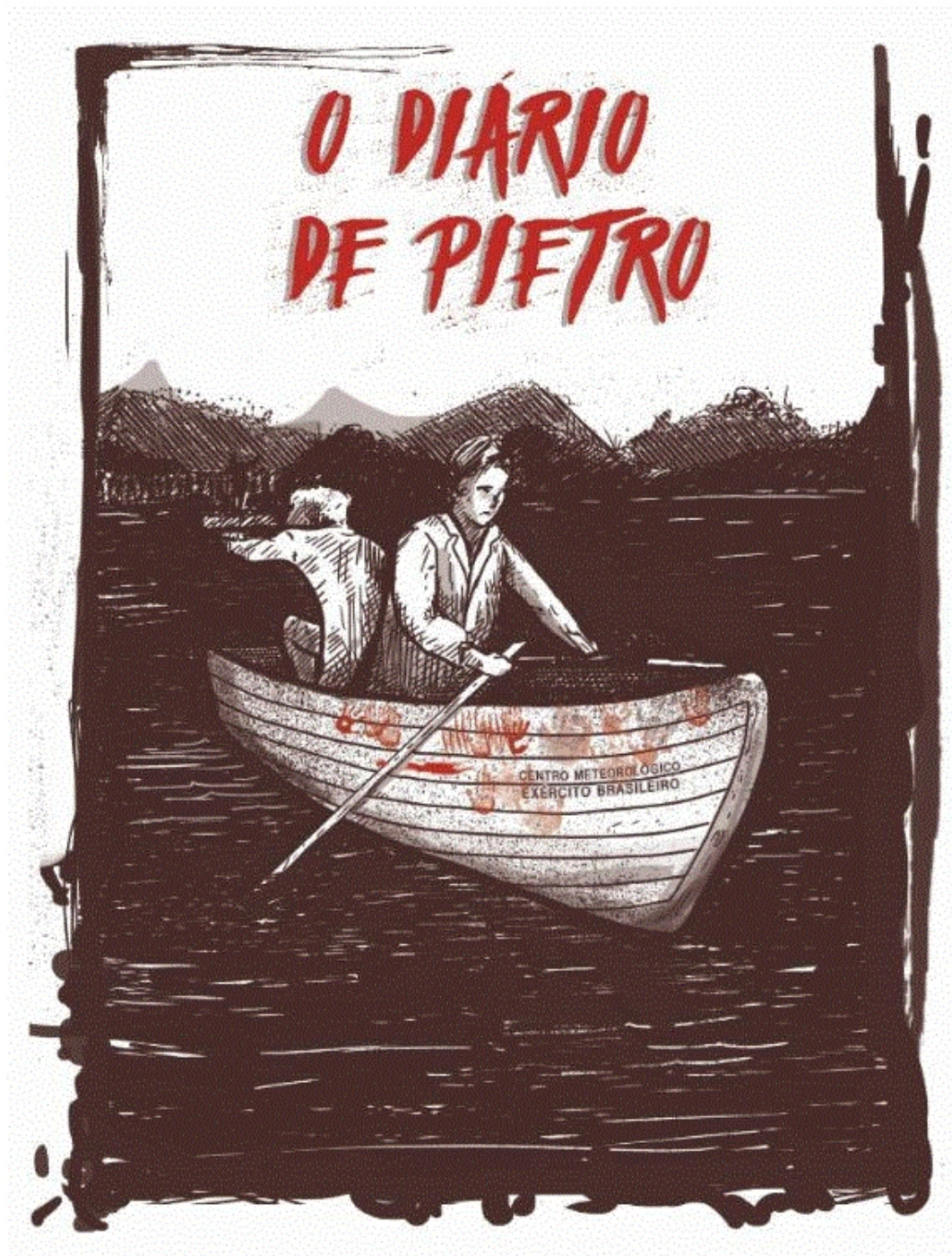


Não sei há quanto tempo estou trancada aqui. Os malditos gemem e rosnam em uma lamúria constante enquanto esmurram a porta. Não sei qual das duas coisas me incomoda mais, a melodia ou as batidas.

Tentei ligar para os números de emergência, minha mãe, qualquer um. É impressionante como essas coisas não funcionam quando é importante.

Sentada no chão, com as costas contra a parede e os pés segurando a porta, estou ficando cansada. Eles não parecem estar, socando e chutando com mais força a cada tentativa. Uma janela no alto da parede desperta minha esperança, mas logo lembro que os malditos estariam lá fora também. Seria inútil fugir.

Sozinha, trancada entre quatro paredes e ouvindo a melodia dos malditos. Tenho a sensação que não importava o que eu fizesse, este sempre foi o meu fim.



Oceano Atlântico, região costeira de ES, 26 de dezembro.

Meu nome é Pietro Giovannini, capitão do Exército Brasileiro, e este é o registro dos acontecimentos nas ilhas Trindade e Martim Vaz. Caso alguém encontre este caderno, por favor faça cópias e envie aos principais canais de comunicação de forma anônima. Certamente virão atrás de mim por isso, mas não precisa se preocupar. Se você encontrou este caderno eu já estou morto, ou pior...

Fui destacado para uma missão nas ilhas há dez anos. Para isso, tive que oficialmente dar baixa no Exército e atuar como um civil, contratado como gestor dos sistemas de segurança da empresa que opera na localidade. As ilhas Trindade e Martim Vaz são, oficialmente, um centro de pesquisas meteorológico do Exército Brasileiro e a SYS é uma empresa terceirizada que faz a manutenção dos

equipamentos, mas a realidade está longe disso. A SYS é uma fachada para o braço de pesquisa e desenvolvimento de armas químicas e biológicas do maior fornecedor do governo chinês. Por motivos óbvios, eles preferiram realizar a fase final do desenvolvimento de uma de suas armas bem longe do seu país, e meu superior, major Mendes, foi ganancioso o suficiente para oferecer as ilhas para sediar o laboratório. Se eu soubesse da metade disso quando aceitei a missão, teria delatado o major por corrupção... mas quando percebi o que estava acontecendo, já era tarde demais.

Para o Exército, minha função nas ilhas era receber dados sobre o progresso das pesquisas através de outro agente infiltrado e enviá-los ao major. Além do fato de que a ilha recebia regulares carregamentos de macacos vivos, eu não sabia de que se tratava a pesquisa. O outro agente, que eu não conhecia, deixava um *Pen Drive* escondido na parte de dentro de uma lixeira do refeitório todo primeiro dia do mês, para que eu o extraísse às 13 horas. Todo segundo dia do mês, sem falta, um helicóptero vinha às ilhas trazer macacos novos e outros suprimentos, e o piloto era outro agente do Exército. Eu entregava as informações a ele todos os meses, e ele as levava ao major.

Que fique registrado que eu não tinha nenhuma objeção ao formato desta operação. Pelo contrário, desde o princípio achei que era um sistema inteligente para evitar riscos de sermos descobertos. Os reais motivos de tanta cautela é que começaram a tirar meu sono após algum tempo, quando percebi que o principal objetivo de tantos agentes intermediários era que somente um de nós sabia exatamente o que estavam fazendo na ilha, e ele nunca sairia de lá. Minha suposição é que aquele que gravava as informações no *Pen Drive* era muito bem pago para manter-se quieto ou que o major tinha outra forte influência sobre ele. Uma ameaça à sua família? Um senso ingênuo de patriotismo, deturpado e manipulado por uma nobre figura de autoridade? Não, este imbecil patriota fui eu. Toda vez que começava a suspeitar de algo, o major usava minha virtude contra mim mesmo. Mas não importa como ele manipulou cada um, e sim que o major conseguiu o que queria por dez anos.

Trabalhando na ilha há tanto tempo, eu tirava férias ocasionalmente, indo de volta ao continente por algumas semanas (meu disfarce seria suspeito se eu não o fizesse). Nos primeiros anos eu usava esse tempo para visitar meu irmão, mas nos últimos anos tenho viajado sozinho para conhecer lugares históricos no interior. Apesar de serem minha única família e gostar de passar tempo com ele, minha cunhada e minha sobrinha, eles me lembravam demais do que eu perdi quando minha esposa morreu. Um maldito aneurisma a levou cedo demais e desde então dediquei minha vida ao serviço à pátria. Ao menos era o que eu pensava que estava

fazendo... Quando voltei de férias às ilhas, cerca de seis horas atrás, algo terrível tinha acontecido.

Olhando em retrospecto, eu devia ter desconfiado da gravidade da situação antes mesmo do helicóptero pousar. A Ilha da Trindade é a maior do arquipélago e tem cerca de 4 Km², a 1.200 Km da costa de Vitória/ES. Era um dia quente de verão sem uma única nuvem no céu, o que poderia ser um belo dia para se estar em um lugar paradisíaco, mas logo notei movimentações anormais no perímetro. Do alto do helicóptero, podia ver os prédios e estradas militares, onde jipes da SYS cruzavam a ilha em alta velocidade e um foco de incêndio na costa leste erguia uma coluna de fumaça preta no ar.

O piloto do helicóptero que me trouxe às ilhas tentou contato com a torre para autorizar o pouso diversas vezes, mas não teve retorno e decidiu pousar sem autorização. Já no heliponto, não havia ninguém para nos receber ou auxiliar no descarregamento dos suprimentos, como era de costume, nem mesmo para abastecer o combustível do helicóptero. Estava claro que algo sério acontecia, então resolvi ir até a torre averiguar.

A torre não passava de um prédio de dois andares, ligado ao heliponto por uma rampa de acesso. Ao chegar à porta entreaberta na entrada, podia ouvir alguém lá dentro, fazendo com que eu me perguntasse por que diabos não respondiam ao rádio. Entrei e comecei a subir as escadas que levavam à sala de controle, ouvindo granidos e outros sons estranhos do andar de cima. Não estava com medo, mas a única coisa que podia imaginar era que algum animal selvagem tivesse invadido a torre e atacado os operadores de comando, o que me parecia improvável. Sempre achei engraçado como se preocuparam em poupar a fauna nativa, considerando o tipo de atividade desenvolvida ali. Saquei minha arma e desarme a trava de segurança antes de prosseguir escada acima.

A primeira coisa que chamou minha atenção foi o sangue que escorria dos radares e equipamentos de rádio. Entre cadeiras caídas e papéis espalhados pelo chão, um homem vestindo um jaleco branco estava de costas para mim, debruçado sobre outro homem, aparentemente o operador da torre. Eu gritei para que ele se afastasse e ele virou-se para me encarar com olhos vermelhos, revelando os dentes lambuzados de sangue. Ele estava comendo as entranhas do outro, como um bicho! O maldito levantou-se e começou a correr em minha direção, então disparei um tiro. Não queria matá-lo, então mirei em seu ombro, mas o projétil .45 da Glock 21 não fez efeito nenhum no desgraçado. Ele continuou correndo e saltou com os braços esticados para me agarrar. Disparei um segundo tiro no meio do seu peito e ele caiu sobre mim. Me protegi com o antebraço e usei o peso e a inércia do corpo para projetá-lo em direção à escada. Meu reflexo adquirido após anos de treino de Aikido lançou-o escada abaixo, até parar ao lado da porta de acesso à rampa.

Talvez esteja me estendendo demais no registro dos acontecimentos, mas é impossível não lembrar de cada detalhe do meu primeiro encontro com um desses malditos. A lembrança da fúria em seus olhos ensanguentados ainda é tão forte quanto o asco que senti ao vê-lo mastigando as tripas do cadáver no chão, e essa não é uma memória que se supere facilmente. Quando descí as escadas, enfiei minha bota embaixo do corpo e o virei. Ele ainda tinha os olhos arregalados. A vermelhidão cobria os dois globos oculares, parecendo sangue pisado. Além do sangue do operador que manchava sua boca, queixo e peito, ele também sangrava por um ferimento na mão esquerda, que parecia uma mordida. Marcas de dentes pequenos demais para um ser humano, mas do tamanho certo para um dos macacos que trazíamos para a ilha. Soube naquele momento que tinha algo a ver com as pesquisas do laboratório, que algo tinha dado errado e estava fora de controle. Há algum tempo eu suspeitava que estavam desenvolvendo alguma arma biológica ali, mas naquele momento eu tive certeza. Peguei um lenço que trazia no bolso e o usei para cobrir o rosto, amarrando-o na nuca. Mesmo não tendo ideia de com o que estava lidando, não queria correr o risco de espirrar sangue infectado na minha boca durante um combate (algo me dizia que aquele não era o único infectado da ilha).

Quando saí da torre, confirmei minhas suspeitas ao ver três homens de jalecos atracados com o piloto do lado de fora do helicóptero. Os gritos sugeriam que ao menos um deles já tinha cravado os dentes no infeliz. Ia correr para ajudá-lo, mas vi outros cinco malditos correndo pela estradinha de acesso ao heliponto, se aproximando. Lutar contra eles era uma causa perdida, o piloto já estava condenado. Olhei para baixo da rampa que levava o heliponto e havia uma árvore perto o suficiente para que eu me agarrasse e descesse até a mata. Foi o que fiz. Abandonei o piloto para uma morte terrível, algo que vai contra meus princípios mais fortes, mas minha missão agora era mais importante que qualquer senso de companheirismo. Eu tinha que sobreviver para contar ao mundo o que aconteceu nas ilhas.

Decidi seguir meu caminho pela mata, pois a estrada era visível demais e queria evitar outros confrontos. A marina ficava do outro lado da ilha, ao leste, onde a coluna de fumaça continuava a subir. Não era um sinal encorajador, mas minha única esperança de fugir da ilha era pegar um dos barcos que eles utilizavam para transporte entre as ilhas do arquipélago e tentar chegar ao continente.

Tentei ser rápido, mas antes que eu chegasse o sol se pôs. A lua e as estrelas me ajudavam a andar pela mata, mas não havia qualquer outra iluminação. Na pressa, tinha esquecido minha mochila no helicóptero, onde estava meu kit de sobrevivência (presente da SYS a todos os funcionários residentes da ilha). Tive

que seguir sem lanterna, água nem nada. Somente minha Glock e alguma munição me proviam um pouco de segurança.

Apesar da escuridão, era fácil ver que a marina estava devastada. Dezenas de corpos mutilados jaziam sobre a areia da praia e vultos se esgueiravam atrás de comida. Mais de trezentas pessoas moravam e trabalhavam na Ilha da Trindade, e imagino que quando essa merda toda aconteceu os habitantes seguiram o plano de evacuação padrão: dirigir-se à marina. Pelo jeito, os infectados os seguiram e tocaram o terror, matando todos os que não conseguiram embarcar.

Me escondendo sob a mata alta, não tinha urgência para fugir ou lutar contra eles, então parei para observar a situação. Havia mais infectados que mortos, então alguns dividiam a comida. Vi um deles agredir outro mais fraco por causa de um pedaço de carne, forçando o mais fraco a abandonar o cadáver e procurar novo alimento. Lembrei de cenas parecidas em um documentário do Discovery Channel sobre hienas que vi há muito tempo. Ainda não entendia como essa maldição funcionava, mas isso mexeu comigo. Ver pessoas se comportando como predadores animais, devorando carne humana com uma fome descontrolada. Me pergunto se ajudei a tornar isso realidade, ou se ao menos não podia ter feito algo para impedir. O major Mendes e a SYS são os verdadeiros responsáveis pela carnificina nas ilhas Trindade e Martim Vaz. Eles têm que pagar por isso!

Logo depois da praia, a marina parecia ter sido evacuada. Alguns malditos se concentravam em uma ponta, seus grunhidos assomando-se e ecoando sobre o mar e a ilha. Não podia adivinhar o que se passava por suas mentes insanas, mas estava claro que algo chamava sua atenção na água. Não conseguia ver além deles, então me movimente um pouco mais perto da praia, sobre uma rocha que me daria a elevação necessária. Foi o suficiente para que eles me vissem — um maldito estava caído no chão a poucos metros da rocha, virado de barriga para cima com um corte tão profundo no abdômen que pude ver suas entranhas, parecendo um emaranhado de linguças cruas e viscosas escorregando para fora de seu corpo. Ele também me viu e gritou enraivecido. O que ele pronunciou era ininteligível, mas os outros pareciam ter captado a mensagem: “Tem carne nova aqui!”, pois viraram-se para me encarar.

Apesar disso, minha exposição não foi em vão. Sobre a rocha, pude ver além dos malditos e avistei um pequeno barco flutuando à deriva pouco depois da marina. Não sei se posso chamar aquilo de barco, pois era pouco maior que uma canoa, com lugar para umas 6 pessoas e um pequeno motor de popa. Não era muito, mas dada a situação, era o suficiente.

Não podia esperar. Muito provavelmente aquela seria minha única oportunidade de sair da ilha. Escolhi o caminho que tinha menor concentração de infectados e corri, atirando contra os malditos que me ofereciam maior risco. Corri

uns 30 metros pela areia da praia e mais uns 50 pelo deque da marina, mas pareceu que estava correndo uma maratona. Meu baço foi o primeiro a reclamar, com uma dor aguda e crescente a cada golfada de ar que eu inalava, depois senti esticar minha panturrilha direita. Quando o pente da Glock já estava vazio, enfiei a arma no coldre, pulei da marina para o mar, a água gelada sendo o menor dos meus problemas. Dei algumas braçadas em direção ao barco e ouvi que alguns dos malditos me seguiram, seus corpos batendo na água atrás de mim, mas não me virei para ver, apenas nadei o mais rápido que pude. Só quando estava a uns 20 metros do deque que olhei para trás. Os infelizes que tinham pulado atrás de mim pareciam um bando de crianças em sua primeira aula de natação, suas cabeças afundando e emergindo da água escura, batendo braços e pernas sem técnica ou coordenação motora o suficiente para mantê-los boiando. Os outros me encaravam da beirada do deque, gritando e balançando os braços no ar como loucos. À noite, seus olhos pareciam ser completamente negros, deixando seus rostos ainda mais demoníacos.

A água ali era funda, então nadei logo até o barco. Tenho 55 anos de idade e meu coração estava prestes a explodir. Coloquei uma mão sobre a lateral do barquinho e, antes que pudesse colocar a outra, vi uma figura se erguer dentro do barco. Um rapaz segurando um remo sobre a cabeça, pronto para arrebentar meus dedos com ele. Gritei para que parasse e soltei a beirada imediatamente, fazendo o barco balançar ao tirar meu peso de sua lateral. O rapaz perdeu equilíbrio e derrubou o remo na água. Apesar do susto e do cansaço, ri sozinho ao compreender que ele provavelmente me confundiu com um dos doentes. Minha aparência devia estar horrível. Resgatei o equipamento e estiquei uma ponta para ele, que então me ajudou a subir na embarcação. Meu novo companheiro de embarcação parecia ter uns 30 anos, tinha cabelos escuros até o meio das costas e óculos grandes. Ele pediu desculpas quando conseguiu me puxar para cima do barco, dizendo que achou que eu fosse um dos infectados.

Ele vestia um jaleco, uniforme do pessoal que trabalhava no laboratório da SYS. Me explicou que conseguiu tirar o barco da marina, mas não conseguia de jeito nenhum ligar o motor. Um geniozinho capaz de trabalhar na construção de uma arma biológica devastadora, mas incapaz de ligar um simples motor de popa. Em dez segundos coloquei a hélice para girar, jogando água para trás e nos projetando em direção à Ilhas de Martim Vaz.

Seu nome é Lorenzo. Perguntei o que tinha acontecido, e ele disse que alguém do laboratório foi mordido por um dos chimpanzés e não seguiu o protocolo de inspeção e quarentena, então acabou infectando outras pessoas e causando tudo o que eu tinha visto. Isso tinha acontecido há três dias. Quando viu o que estava acontecendo, Lorenzo trancou-se em seu dormitório por muito tempo, até ficar sem

comida e decidir fugir. Encontrou aquele barquinho na marina, mas não conseguiu ligar o motor e ficou horas à deriva até que eu o encontrei. Enquanto ele contava sua história, tive a estranha sensação de que ele me conhecia, mesmo eu não sabendo quem ele era. Pode ser a paranoia de quem está trabalhando disfarçado há quase dez anos, mas há algo de estranho nesse sujeito.

Tínhamos esperanças de que os sobreviventes estivessem na outra ilha aguardando resgate, talvez já com alguns barcos prontos para levar-nos ao continente, mas não foi o que aconteceu. Mesmo na escuridão da noite, não precisamos nos aproximar muito para ver que a situação ali não era melhor que na Ilha da Trindade. Os vultos que cambaleavam pela praia se moviam como os malditos. Barcos maiores que o nosso estavam atolados na praia, e os restos mortais de seus tripulantes espalhados pelas proximidades. Atracar ali seria suicídio. Tínhamos que tentar a sorte e ir em direção a Vitória.

Eu tinha uma arma, mas nenhuma munição. Nenhuma arma branca ou outros meios de lutar contra os infectados para conseguir um barco maior. Para minha surpresa, Lorenzo estava razoavelmente preparado para a situação. Tinha uma mochila com suprimentos (água e alguns salgadinhos, nada muito nutritivo), um galão extra de gasolina e um kit de sobrevivência da SYS, que continha uma lanterna pequena e uma bússola, entre outras coisas. Pouco era melhor que nada, então decidimos seguir viagem em nossa minúscula embarcação, mesmo sabendo que as probabilidades não estavam a nosso favor. Dali até a costa de Vitória tínhamos 1.200 Km de Oceano Atlântico, e aquele motor tinha autonomia de 100, talvez 150 Km. Mesmo com o galão de gasolina extra, haja braço para remar o restante do percurso... Mas não tínhamos alternativa.

Partimos e, como esperado, o combustível acabou depois de aproximadamente quatro horas. Pelas minhas contas, navegamos uns 120 Km. Guardamos o combustível extra para alguma emergência, quando não aguentarmos mais remar, e agora estamos nos revezando no remo. Lorenzo cumpre seu turno enquanto eu descanso e escrevo estes registros em um caderno que ele tinha em sua mochila e cedeu para mim. Minha esperança é que alguém encontre esse caderno quando nosso barco encalhar em alguma praia, com nossos cadáveres a bordo. Alguém precisa saber o que aconteceu nas ilhas e impedir que isso se espalhe.

Capitão Pietro Giovannini

Navio Lúculo, Oceano Atlântico entre ES e SP, 27 de dezembro.

Fomos resgatados!

Foi um tremendo golpe de sorte, mas exigiu algum esforço de nossa parte. Estávamos exaustos, intercalando-se em turnos de duas horas de remo cada um há pelo menos 12 horas. Estávamos no meio da tarde quando chegou a vez de Lorenzo assumir o posto novamente. Ele estava encharcado de suor e fedendo como um porco, como se não tivesse descansado nada nas últimas horas. Descansamos por alguns minutos em silêncio, quando vi um cargueiro gigantesco surgindo no horizonte, vindo mais ou menos em nossa direção. Nunca fiquei tão feliz em ver um navio!

Abastecemos o motor de popa com o galão de gasolina reserva e esperamos ele se aproximar, o que levou umas duas horas. Quando estávamos perto, ligamos o motor e nos deslocamos para interceptá-lo, pulando e acenando em nosso barquinho para garantir que fôssemos vistos. A buzina monstruosa do cargueiro sinalizou que estávamos salvos. Eu só conseguia pensar na alegria de deitar em uma cama de verdade e dormir.

Após sermos içados para dentro do navio, o capitão nos recebeu e fez algumas perguntas. Queria saber o que diabos tinha acontecido, afinal não é todo dia que se encontra um botezinho daqueles flutuando a mil quilômetros da costa. Eu disse que trabalhávamos nas ilhas Trindade e Martim Vaz (não havia outra forma crível de explicar nossa presença ali em um barco daqueles), e que uma tempestade nos pegou de surpresa quando íamos de uma ilha à outra, nos desviando do caminho e deixando perdidos no oceano. Ele nos passou um sermão sobre os perigos do mar e que é necessário um nível mínimo de preparo e ferramental para navegar em um lugar daqueles, abismado por não sabermos ao menos usar a bússola para voltar às ilhas e por não ter trazido um rádio para pedir resgate. Enfim, disse que estavam a caminho do porto de Santos e que tinham cabines disponíveis para nós. Ele também informou que as acomodações e alimentação eram simples, porém suficientes. Agradecemos diversas vezes e fomos apresentados ao restante do navio e nossas acomodações.

O navio Lúculo é enorme e Lorenzo mal conseguiu caminhar até sua cabine, tendo que ser escorado por um dos tripulantes. Eu também estava exausto, mas ele deve estar sofrendo de insolação... duvido que ele conseguiria remar mais duas horas. Ser resgatado assim no meio do mar sem dúvidas foi muita sorte, mesmo depois de tanta desgraça.

Capitão Pietro Giovannini

Navio Lúculo, próximo a Santos/SP, 28 de dezembro.

Acabo de ter uma conversa interessante com Lorenzo. Eu estava certo quando suspeitava que ele me conhecia... o desgraçado é o outro agente do major Mendes! Era ele que me entregava semanalmente os *pen drives* com informações sobre a pesquisa.

Apesar de não confiar nesse filho da puta, estou preocupado com ele. O rapaz não parece nada bem. Ele me disse que as dores musculares passaram, mas seus olhos estão avermelhados... não tanto quanto os dos malditos nas ilhas, mas chamou minha atenção. Ele reclamou de uma dor de cabeça muito forte e por vezes se perdia em seus raciocínios ou falava coisas desconexas. Pelas histórias que ele me contou, os infectados da ilha demoraram poucas horas para tornar-se violentos, não dias, mas não posso confiar no pouco conhecimento que tenho dessa doença ou seus efeitos.

Quando Lorenzo finalmente parou de reclamar de suas dores, pegou algo em sua mochila e me entregou. Era um *pen drive*. “Minha última contribuição”, ele disse. Segundo Lorenzo, ao perceber que a pesquisa estava concluída ao mesmo tempo que tudo estava indo para o inferno nas ilhas, ele salvou absolutamente tudo o que encontrou sobre o projeto Sirius, inclusive o mapeamento genético do vírus que estavam desenvolvendo. Caso o vírus chegasse ao continente, essas informações seriam fundamentais para desenvolver uma cura ou vacina. Além disso, tinha uma papelada para me entregar, então acabou por me dar sua mochila inteira, dizendo que achava melhor não entregar aquilo ao major Mendes, mas a outro oficial do exército ou mesmo à imprensa, possivelmente os dois. Talvez ele estivesse alucinando de febre, ou talvez eu tivesse ganhado sua confiança após tudo o que passamos juntos, mas era loucura confiar em mim daquela forma. Não nos conhecíamos tão bem assim... porém, ele tinha alguma razão em seu raciocínio. Se realmente temos em mãos toda a pesquisa e detalhes sobre uma arma biológica tão devastadora, essa informação não pode ficar concentrada nas mãos de alguém como o major Mendes.

Capitão Pietro Giovannini

Hospital Municipal Irmã Dulce, Praia Grande/SP, 31 de dezembro.

Eu falhei. Como pude ser tão imbecil?! O vírus mais perigoso que já existiu chegou ao Brasil e eu fui incapaz de impedir que isso acontecesse.

Depois do meu último registro, Lorenzo se trancou em seu quarto, dizendo que não queria falar com ninguém. Além de mim, ninguém ali dava a mínima para isso. Não éramos exatamente convidados de honra da tripulação do Lúculo.

Me distraí com a papelada que ele tinha me entregado. Eram gráficos e dados ininteligíveis — ao menos para mim — de pesquisadores da SYS sobre o tal projeto Sirius, que estavam desenvolvendo nas ilhas. Preciso de alguém para analisar essas informações. Só assim poderei decidir o que fazer com isso.

Na manhã seguinte, fui acordado com a minha porta sendo escancarada e batendo contra a parede. Um dos tripulantes gritava algo em francês (a maioria deles eram senegaleses e não falavam português), sinalizando para que eu fosse com ele. Ele me encarava com raiva e tinha um pano manchado de sangue pressionado contra seu braço esquerdo. Por precaução, peguei a mochila antes de segui-lo. Ele resmungou mais palavras em francês durante o caminho, num tom injuriado. Quando vi aonde estava me levando, não me restaram dúvidas do porquê. Era a cabine de Lorenzo.

Ouvi os rosnados e gritos antes mesmo de entrarmos no quarto. Lá dentro, quatro tripulantes seguravam Lorenzo pelos braços e pernas. Sua cabeça virava de um lado para o outro, a boca tentando alcançar qualquer um deles que se aproximasse demais. Quando me viu, cerrou o cenho com uma expressão enfurecida, mas ainda assim seus olhos rubros eram inconfundíveis. Estava infectado.

“Seu amigo aqui está nos dando trabalho”, disse o capitão, que segurava uma barra de ferro e não parecia nem um pouco paciente com a situação. “O que vamos fazer com vocês?”

Tentei explicar o que estava acontecendo, mas quase todos eles tinham marcas de mordidas em seus braços. Quando disse que, assim como meu amigo, todos eles precisavam ficar segregados, em quarentena, porque aquele homem estava doente e os tinha infectado, riram da minha cara. Lorenzo conseguiu libertar um dos seus braços e agarrou a roupa de um dos tripulantes, então o capitão deu uma cacetada em sua cabeça, fazendo-o desmaiar, então ordenou que seus homens saíssem da cabine e trancassem Lorenzo ali, e que me trancassem em outra cabine. Um dos senegaleses começou a repetir as ordens em francês. Eu não podia deixar aquilo acontecer... dos nove tripulantes, pelo menos cinco tinham sido infectados por mordidas. Antes do navio chegar ao porto de Santos, os infectados se tornariam agressivos e matariam qualquer um que estivesse a bordo. O senegalês que me trouxe até ali se aproximou por trás de mim e segurou meu braço. Dei um passo para trás, pisando em seu pé esquerdo, encostei meu quadril no seu e joguei minha cabeça para trás com força contra seu rosto. Não olhei para ver o estrago, mas tenho certeza de que ouvi o som do seu nariz quebrar. Corri para o andar de cima, na proa do imenso navio, de onde já era possível ver a orla de Praia Grande. Eu estava sem munição e eles estavam em nove contra um. Eu não teria a menor chance contra eles, e me render também não era uma opção. A única solução seria

ter lidado com Lorenzo antes, matando-o assim que percebi que estava infectado. Tenho certeza de que esse erro me assombrará pelo resto dos meus dias. Peguei uma boia salva-vidas, me certifiquei de que a mochila estava bem fechada e pulei para o mar.

Tecnicamente eu morri tentando chegar à praia. As ondas me ajudaram a chegar em Praia Grande, onde me resgataram boiando desacordado no salva-vidas e conseguiram me reanimar. Continuei inconsciente e fui internado no hospital mais próximo, com uma desidratação severa. Acordei em uma cama de hospital há poucas horas, recebendo soro na veia e com uma forte dor de cabeça. Meu primeiro reflexo foi procurar os documentos e o *pen drive*, que estavam a salvo em um compartimento impermeável da mochila. A segunda coisa que fiz foi procurar um espelho, e não... meus olhos não estavam vermelhos. Talvez eu viva para compensar meus erros, afinal.

Um médico me visitou e fez algumas perguntas sobre o ocorrido, então respondi que estava pescando sozinho a alguns quilômetros da costa, mas que não me recordava o que aconteceu com meu barco. Ele não pode me ajudar, então não faz sentido contar-lhe a verdade... provavelmente me diagnosticaria como louco e me deixaria retido para avaliação. Preciso encontrar meu irmão, Gilberto Giovannini. Ele é doutor em neurociência e pode me ajudar a entender o que dizem estes documentos. Não queria envolvê-lo nisso, mas não vejo alternativa. Em breve, não só meu irmão como todo mundo sofrerá as consequências do desastre da Ilha da Trindade.

Capitão Pietro Giovannini

Sobre o Autor

 **Francis Graciotto** nasceu em Santos e sempre imaginou sua cidade infestada de zumbis. Compartilhou esse sonho (ou pesadelo) ao publicar **Febre Vermelha**, depois a epidemia se alastrou pelo país em **Dias Febris**. Também tem outras histórias publicadas em revistas literárias, sites e antologias, e foi homenageado como “Menção Honrosa” no Prêmio ABERST 2019 por seu conto Salve às Orcas.

Conheça outras obras do autor:

 Um vírus se espalha no litoral brasileiro. Em pouco tempo, os sintomas dos infectados evoluem de febre e olhos vermelhos a um comportamento agressivo e canibal. Acompanhe a saga de um grupo fugindo da violência e destruição na região de Santos e São Paulo, tentando sobreviver à [Febre Vermelha](#).

 A Febre Vermelha se espalhou pelo Brasil, disseminando seus infectados com olhos vermelhos e insaciável fome por carne humana. A sociedade ruiu e não resta nenhuma autoridade para proteger a população da epidemia e da violência. Estes são os [Dias Febris](#).

 Vanessa está lidando com morte de seu pai quando recebe uma encomenda inesperada: um volante para o antigo Opala da família. O que parece uma chance de restauração e de se reconectar com o seu passado se transforma em obsessão sobrenatural pelo carro, [Vanillablack](#), pondo em risco o pouco que resta de sua família.

 “A porta de entrada para a vida eterna é a morte.”
A mensagem vinda de um número desconhecido no meio da madrugada seria uma piada de mau gosto para a maioria das pessoas, mas Sasha, sobrevivente do jogo baleia-azul, esperava por isso há anos. Esse é o seu chamado para a próxima fase. [Salve às Orcas](#).

Para saber novidades ou contatar o autor, siga as páginas do Facebook (@febrevermelha) e Instagram (@francisgraciotto).